

Eloisa da Rosa Oliveira



**DRUMMOND:
TRAJETO-MEMÓRIAS DE UM MENINO LEITOR**

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Teoria Literária.
Orientador: Prof. Dr.Claudio Celso Alano da Cruz.

ITABIRA
16-07

Florianópolis
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Oliveira, Eloisa da Rosa
Drummond: : trajeto-memórias de um menino leitor. /
Eloisa da Rosa Oliveira ; orientador, Claudio Celso Alano
Cruz - Florianópolis, SC, 2014.
114 p.

- Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em
Literatura.

Inclui referências

1. Literatura. 2. Carlos Drummond de Andrade.. 3.
Boitempo.. 4. Memórias de leitura.. I. Cruz, Claudio Celso
Alano . II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Literatura. III. Título.

Nome completo do autor

TÍTULO: SUBTÍTULO (SE HOVER)

Este (a) Dissertação/Tese foi julgado(a) adequado(a) para obtenção do Título de “...”, e aprovad(o)a em sua forma final pelo Programa ...

Local, x de xxxxx de xxxx.

Prof. xxx, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a xxxx, Dr.^a
Orientadora
Universidade xxxx

Prof.^a xxxx, Dr.^a
Corientadora
Universidade xxxx

Prof. xxxx, Dr.
Universidade xxxxxx

Aos meus pais, Enedir e Elizabete, e ao meu irmão, Dionis, que, em 1995, me levou, pela primeira vez, à Biblioteca Pública Municipal. Foi lá, e por meio deles, que começou a minha trajetória de menina leitora.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento desta pesquisa.

Ao meu anjo torto que, quando nasci, disse: vai, Eloisa, ser professora na vida!

Aos meus pais, que, mesmo sob a sentença da saudade, me deixaram ir conhecer o vasto mundo e respeitaram minha escolha por estudar longe de casa.

Aos meus irmãos e cunhadas, pelas duas poesias: Maria Luiza e Isabela, futuras meninas leitoras.

Ao meu professor e orientador, Claudio Cruz, por me proporcionar o sentimento de mundo em suas aulas sobre Walter Benjamin.

Aos professores Celdon Fritzen e Gladir Cabral, pela oportunidade de Iniciação Científica e por terem acreditado em minhas primeiras procuras.

Aos pesquisadores e amigos, Estela e Alfredo Ricardo, por me ajudarem a tropeçar no possível, trilhando um caminho exemplar de pesquisa a minha frente.

À amiga, Maria Scherer, por ter percorrido de mãos dadas comigo este trajeto de estudo e, mais que isso, este trajeto de vida.

Aos amigos mineiros, que encontrei no meio do caminho desta pesquisa e que tornaram minha viagem à Itabira muito mais prazerosa e significativa. Foi numa mesa de bar, conversando sobre Drummond, que ganhei esse desenho da capa, em que o poeta está vestindo a mesma camisa que eu vestia naquele dia.

Em especial, à Dadá Lacerda e Walde Andrade, que mantêm viva a cultura drummondiana em Itabira.

À ilha povoada de Florianópolis, que não é a mesma de Robison Crusoé, mas que trouxe amizades verdadeiras e experiências memoráveis e, sobretudo, me proporcionou um encontro que só a solidão do exílio permite: aquele comigo mesma.

Mas leio, leio. Em filosofias
tropeço e caio, cavalgo de novo
meu verde livro, em cavalarias
me perco, médievo; em contos, poemas
me vejo viver. Como te devoro,
verde pastagem. Ou antes carruagem
de fugir de mim e me trazer de volta
à casa a qualquer hora num fechar
de páginas?

(“Biblioteca Verde”,
Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

Esta dissertação versa sobre a trajetória de Carlos Drummond de Andrade como leitor literário. Em meados do século XX, já por volta dos 50 anos, o poeta se dedica a escrever sobre seu passado em Itabira. O poema “Infância”, escrito em 1930, publicado em sua primeira obra, *Alguma poesia*, pode ser considerado ponto de partida para este estudo, quando narra sua leitura de menino entre mangueiras e as *Aventuras de Robinson Crusoé*. Embora sempre tenha escrito sobre sua infância e passado, Drummond embarca em uma determinação meio proustiana de tentar recuperar o tempo perdido de maneira intensa e extensa em *Boitempo*. Muitos anos depois, essa determinação resulta na criação de mais de 400 poemas, que viriam a constituir a trilogia *Boitempo*, publicada em três volumes: *Boitempo* (1968), *Boitempo: menino antigo* (1973) e *Boitempo: esquecer para lembrar* (1979). Por meio dessas memórias, foi possível selecionar poemas e versos que mencionam suas primeiras descobertas no universo das letras, bem como as primeiras leituras, autores preferidos e seu contato com outros leitores na cidade natal, Itabira, e em Belo Horizonte, capital onde morou na mocidade. Mais tarde, esse interesse ultrapassou o exercício da leitura e alcançou a escritura. De menino leitor ao poeta ambicioso de “soltar a coisa oculta no peito”, Drummond rememora também suas primeiras motivações como escritor. Com ajuda de referências como Walter Benjamin, Hans Robert Jauss e Stuart Hall foi possível compreender melhor esse trajeto-memória. Ao fim da pesquisa, ficaram evidentes os vestígios deixados por Drummond em sua poesia, sobre seu interesse desde cedo pela leitura e o modo como essas leituras influenciaram seu processo de escritura.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade. 1. *Boitempo* 2. *Memórias de Leitura* 3.

ABSTRACT

This thesis examines the trajectory of Carlos Drummond de Andrade, as a literary reader. In the mid-twentieth century, around his 50 years, the poet engaged in writing about his past in the city of Itabira, in the state of Minas Gerais, Brazil. The poem “Infância” (i.e. childhood), written during this time, can be considered a starting point for this study, when it narrates his child readings between mango tress and *The Adventures of Robinson Crusoe*. Although he has always written about his childhood and past, Drummond embarks on a kind of Proustian determination means trying to catch up intensely and extensively in *Boitempo*. Many years later, such determination results in the creation of over 400 poems, that would constitute the *Boitempo* trilogy, published in three volumes: “*Boitempo*” (1968), “*Boitempo: menino antigo*” (1973) and “*Boitempo: esquecer para lembrar*” (1979). Through these memories, it was possible selecting poems and verses that mention his first discoveries in the world of letters as well as his first readings, favorite authors and his contact with other readers from his hometown, Itabira, and in Belo Horizonte, capital in which he has lived in his youth. Later on, such interest exceeded the reading exercise and reached the writing practice. From the reader boy to the poet ambitious for “releasing the thing hidden in the chest”, Drummond also recalls his early motivations as a writer. With the aid of references such as Walter Benjamin, Hans Robert Jauss and Stuart Hall, it was possible better understanding this memory-path.

Keywords: Carlos Drummond de Andrade. 1. *Boitempo* 2. Memórias de Leitura. 3.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pico do Cauê, antes (1942) e depois (2007).....	28
Figura 2 – Angelus Novus, de Paul Klee, 1920	41
Figura 3 – O início da história de Defoe publicada na revista “TicoTico” ..	83
Figura 3 – O fim da história de Defoe que se encerra meses depois.....	84

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: UMA PEDRA E UM CAMINHO	25
2. BOITEMPO: UM RETROVISOR NO FIM DO CAMINHO	37
2.1. ENCONTROS DO PRETÉRITO: ERA UMA VEZ UM MENINO ANTIGO	38
2.2. DEMANDAS DO PRETÉRITO: ESQUECER PARA LEMBRAR.....	53
3. CARLITO LEITOR: O INÍCIO DO CAMINHO.....	63
3.1 O MUNDO VAI ACABAR E EU DESCUBRO A LETRA A	66
3.2 LEITURAS! LEITURAS! :NAVIOS... SAIR (SOZIIHO) PELO MUNDO.....	74
3.3 SOMOS LEITORES DO “TICO-TICO”: SOMOS IMPORTANTES.....	81
4. DRUMMOND ESCRITOR: O MENINO QUER SOLTAR A COISA OCULTA NO PEITO.....	93
4.1 O MENINO E SEU INVEJOSO RESPEITO PELO POETA	95
4.2 DRUMMOND E OS LEITORES OUTROS.....	101
5. CONCLUSÕES: UM CAMINHO SEM FIM.....	109
REFERÊNCIAS.....	113
APÊNDICES.....	115

1. INTRODUÇÃO: UMA PEDRA E UM CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra
 Tinha uma pedra no meio do caminho
 Tinha uma pedra
 No meio do caminho tinha uma pedra.
 Nunca me esquecerei desse acontecimento
 Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho
 Tinha uma pedra
 Tinha uma pedra no meio do caminho
 No meio do caminho tinha uma pedra.

(“No meio do caminho”, Carlos Drummond de
 Andrade)

Não é muito fácil modificar as relações que se
 estabeleceram entre as pedras e os homens.

(Halbwachs)

Desde o início deste estudo, em meio a todos os questionamentos inerentes a uma pesquisa em fase de projeto, havia uma certeza sobre dois elementos: a pedra e o caminho. Primeiro, sobre a certeza da pedra, Itabira, do Tupi: Ita (pedra) Bira (que brilha). Cidade natal do poeta Carlos Drummond de Andrade, localizada no interior de Minas Gerais. Foi baseado principalmente nas memórias de Itabira que Drummond escreveu a trilogia Boitempo, a qual corresponde ao objeto de estudo dessa pesquisa. Para desenvolver este trabalho investigativo, cujo objetivo central ficará mais claro à frente, foi preciso conhecer melhor Itabira e suas histórias a fim de entender a relação estabelecida entre Drummond e sua “pedra natal”.

Em consideração a essa demanda, cheguei a viajar, em julho de 2013, até a cidade, e pude conhecer pessoalmente a atmosfera itabirana, que tanto auxiliou na leitura dos poemas da obra e para o andamento da pesquisa. Cheguei a Itabira pelo trem de passageiros, que sai todos os dias de Belo Horizonte, Minas Gerais, em direção a Vitória, Espírito Santo. Durante a viagem, que durou cerca de três horas, já foi possível perceber a grande interferência do homem na natureza da região. Os

trabalhos de extração de minério, exercidos pela empresa Vale¹, se estendem e podem ser acompanhados por toda a viagem. Depois, chegando à estação chamada “Desembargador Drummond”, na cidade de Nova Era, precisei pegar mais um ônibus para, então, conhecer Itabira. Já na rodoviária itabirana, é possível ouvir o barulho das máquinas de mineração em atividade e sentir o ar seco e poeirento da cidade, que denunciam a exposição da população aos impactos socioambientais provocados por essas atividades extrativas diárias. A cidade (e o próprio hotel em que fiquei hospedada) acolhe, hoje em dia, trabalhadores envolvidos com a logística da mineradora, que passam a semana trabalhando na cidade, mas que não são, em sua maioria, nascidos lá. Esse dado trouxe uma nova realidade para Itabira, pois, num diagnóstico atual da região, os moradores nativos, envolvidos com a identidade cultural do local, não representam mais a maioria².

No primeiro lugar em que paro para pedir informação sobre como chegar ao hotel, encontro um jornal da cidade sobre o balcão, com uma nota em capa, intitulada: “De olho na cidade”. A nota falava sobre duas situações ocorridas no dia anterior, um incêndio na área da empresa Vale e uma nuvem de poeira, provocada por esta, que se espalhou por alguns bairros. Começo a entender, a partir dessas primeiras impressões, as angústias de Drummond expressas em seus poemas sobre as modificações de Itabira. Parece que desde o final do século XIX, uma nova moradora se instalou na cidade, sem pedir permissão a todos. Chegou e trouxe consigo muito dinheiro, muitas oportunidades, o progresso, mas, por outro lado, um ônus, notado com pesar pelos

¹ A empresa Vale, conhecida antigamente como Vale do Rio Doce, é, hoje, uma das maiores mineradoras do mundo e possui em Minas Gerais um extenso território de mineração. Ao fim da década de 40, as técnicas extrativistas causaram alguns impactos ambientais, como, por exemplo, a notável subtração de uma serra na cidade. A referência espacial do autor foi aos poucos sendo modificada, o que explica, de certa forma, o deslocamento e ressentimento do autor por sua terra natal. São vários os poemas em que Drummond lamenta por essa serra “desaparecida”.

² Segundo o IBGE, Itabira tem cerca de 109.000 habitantes (Informação disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/235CO>) Os dados sobre a população flutuante (trabalhadores da Vale) foram fornecidos pela Professora Dadá Lacerda, que teve acesso aos documentos do município, que não são publicados em rede. Falarei dela em seguida.

itabiranos mais atentos. Essas aflições ficam evidentes no conhecido poema “Confidências de um itabirano”:

Alguns anos vivi em Itabira.
 Principalmente nasci em Itabira.
 Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
 Noventa por cento de ferro nas calçadas.
 Oitenta por cento de ferro nas almas.
 E esse alheamento do que na vida é porosidade e
 comunicação.
 A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
 vem de Itabira, de suas noites brancas, sem
 mulheres e sem horizontes.
 E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
 é doce herança itabirana.
 (...)
 Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
 Hoje sou funcionário público.
 Itabira é apenas uma fotografia na parede.
 Mas como dói! (ANDRADE, 2012, p.13)

A repercussão dessa poesia dividiu opiniões. De um lado, aqueles que entendiam o discurso do poeta como ingrato, resumindo a cidade a uma fotografia de lembrança dolorida, e, de outro, aqueles que entendiam o lamento nostálgico de Drummond frente à memória de uma cidade transformada pelo passar do tempo. O próprio poeta se manifesta em uma entrevista sobre as críticas ao poema:

Uma coisa que acho estranho é a má interpretação de meu poema. Acharam que eu humilhava minha terra, quando era justamente o contrário: depois de sair de lá, guardo sua imagem na parede de minha casa. O mais eu perdera: a casa de meus pais, os meus amigos de infância, os parentes quase todos. Felizmente, pessoas mais sensíveis entenderam este verso, que é um soluço nostálgico. (ANDRADE, 1997, s/p.)

O mesmo lamento, agora voltado mais especificamente às modificações no ambiente, se nota no poema “Montanha Pulverizada”, referente ao Pico do Cauê, ponto conhecido da cidade, que pertencia à família de Drummond e foi apropriado pela Vale. Segundo informação dos guias, depois de longo processo jurídico, a empresa ofereceu outro

pedaço de terra considerável à família, em virtude da apropriação indevida.

A MONTANHA PULVERIZADA

Chego à sacada e vejo a minha serra,
a serra de meu pai e meu avô,
de todos os Andrades que passaram
e passarão, a serra que não passa.

(...)

Esta manhã acordo e
não a encontro.

Britada em bilhões de lascas
deslizando em correia transportadora
entupindo 150 vagões
no trem-monstro de 5 locomotivas
- trem maior do mundo, tomem nota -
foge minha serra, vai
deixando no meu corpo a paisagem
mísero pó de ferro, e este não passa.
(ANDRADE, 2006, p. 68)

O menino dormiu e quando acordou não havia mais sua montanha. A serra, simplesmente, desapareceu com as ações da Vale, como pode ficar mais claro por meio desta imagem:

Figura 1: Pico do Cauê, antes (1942) e depois (2007).



Fonte: <http://revistadoisPontos.com/trilha-do-minerio/o-que-resta-da-montanha/> <acesso em fevereiro, de 2014>.

O autor Halbwachs (2006, p.163) entende esse apelo quanto às transformações citadas por Drummond e diz: “Sim, é inevitável que as

transformações de uma cidade e a simples demolição de uma casa incomodem, perturbem e desconcertem alguns indivíduos em seus hábitos.” Pode-se dizer, assim, que, se há pesar pela cidade de Itabira, esse lamento se refere a essas mudanças drásticas na paisagem da cidade, que, em sua forma natural, agora pertence apenas ao espaço da lembrança: “apenas uma fotografia na parede”. Drummond defende suas intenções e diz que estas menções nostálgicas não representam de modo algum qualquer tipo de ingratidão ou desprezo por sua cidade natal, pelo contrário:

A quem me acusar de ingrato, porque não apareço lá, não apareço há muitos anos, direi que não preciso rever Itabira para estar em Itabira. Nela estou desde que nasci. É meu clima, limite e medula. Ainda que quisesse, não saberia arquivá-la. (ANDRADE, 1997, s/p.)

Após essas minhas percepções iniciais, fiquei hospedada no antigo Sobrado do Barão de Alfié, hoje chamado Hotel Itabira, onde moravam os tios e as primas do poeta. Em Boitempo, há um poema dedicado ao sobrado:

A escada de duas subidas já define
sua importância: lembra um trono.
É casa de barão, entre plebeus.
(...)
Ó século glorioso 19,
reinante no Sobrado, onde a quadrilha
estronda as tábuas do soalho, mal sabendo
que outro tempo chegou para levar
na dança o que é sobrado e contradança
(ANDRADE, 2006, p.191).

O outro tempo que estava para chegar, citado no penúltimo verso, era o século XX, que seria marcado pela chegada da empresa Vale. Tempos modernos que mudariam, como já mencionado, a rotina das cidades em diversos sentidos.

No antigo sobrado, Walde Andrade, responsável pelo hotel e integrante da família do poeta, me recebeu no antigo sobrado muito bem e não se poupou em me contar, sempre que podia, muitas histórias sobre os antepassados da família Andrade e pessoas mais velhas da cidade. Logo na recepção, quando me apresentei como pesquisadora interessada na história do poeta e da cidade, Walde recitou este poema, “Sobrado do

Barão de Alfié”, e começou a narrar uma de suas histórias de tradição itabirana.

Fiquei três dias circulando pela cidade, conversando com pessoas que eram dali e outras que estavam em Itabira naquela semana para o Festival de Inverno, que ocorria naquele mesmo período. Encontrei, como era de se esperar, itabiranos apaixonados por Drummond, que adoraram me contar histórias (vivas ou inventadas) a respeito do poeta e não mediram esforços em me ajudar a encontrar informações e materiais, além de tirar dúvidas, e outros que só o conheciam por ouvir falar e por saber que o poeta morou na cidade. Com a ajuda de Walde, conheci outra figura popular em Itabira, que muito me ajudou nesta viagem: Dadá Lage Lacerda. Professora itabirana da Escola Estadual Emidio de Salles, ela foi uma das mentoras do projeto “Caminhos Drummondianos”³, que revitalizou pontos históricos com indicação de acompanhamento de guias itabiranos, especializados em declamar poemas e contar aos visitantes histórias do passado referentes à família de Drummond e à sociedade da época que foi retratada na obra memorialista em questão e em muitos outros poemas do autor. Envolvida com as questões culturais da cidade e em parceria com programas de incentivo à cultura, organizados pela Prefeitura e pela Vale, Dadá forma periodicamente jovens guias turísticos, para que a história da cidade continue sendo recontada. Por sorte, a professora aceitou guiar-me pessoalmente pelos caminhos e compartilhar um pouco de seu conhecimento comigo.

Embora as marcas de Drummond ainda sejam tímidas na cidade, quando lá se chega e conversando com as pessoas do comércio, ao percorrer os caminhos, acompanhada pela professora, pelos poemas e ouvindo as histórias, a presença do poeta deixou de ser tímida naquele espaço; passou a estar intrínseca por toda parte, facilitando um movimento de rememoração, exercido, inclusive, pelas pessoas engajadas na disseminação do projeto. Assim, um encontro com a pedra

³ Por ser uma empresa de grande porte, a Vale investe, também, em projetos culturais nas regiões exploradas. A iniciativa funciona como uma “compensação” para os moradores mais antigos da cidade, que testemunharam as grandes transformações provocadas pela extração de riquezas naturais operada pela mineradora. Atualmente, é ela que custeia os funcionários dos centros culturais referentes à história de Drummond e a manutenção dos prédios.

do caminho de Drummond foi, portanto, consolidado. Ler as poesias de Boitempo, por esse prisma, ganhou novo sentido após esta experiência.

Agora que contei sobre a pedra e esse meu primeiro encontro com ela, vale falar sobre a outra certeza que mencionei no início: o caminho. Você já parou para alimentar sua curiosidade sobre os livros que seu autor preferido leu quando era criança? O que leram Machado de Assis garoto, Clarice Lispector menina, Guimarães Rosa adolescente? Quais as leituras preferidas de Virgínia Woolf e Edgar Allan Poe, quando jovens? Por entender que toda pesquisa nasce de uma curiosidade, foi a partir dessas perguntas que o interesse pelo caminho literário realizado por um de meus autores preferidos nasceu. Neste estudo, decidi, portanto, investigar, como objetivo principal, os caminhos de leitura⁴ percorridos pelo escritor Carlos Drummond de Andrade, sobretudo, em seu período de infância, analisando, para isso, os poemas memorialistas de Boitempo, em que o poeta faz menção a algumas leituras e declara seu interesse precoce pelos livros.

Na procura por esse menino leitor, também busquei a reflexão sobre a formação identitária do escritor, posto que considero estes caminhos complementares (o da leitura e o da escrita). Além disso, estabeleci como objetivo específico discutir sobre a escrita memorialista junto a uma perspectiva histórica benjaminiana. Por ser considerado um dos maiores poetas da literatura brasileira, existem inúmeras pesquisas sobre a obra drummondiana. Muito já se discutiu também sobre Boitempo, abordando as temáticas da infância e da sociedade. Trata-se de um escritor cuja fortuna crítica já explorou muitos de seus livros e temáticas – e continuará explorando. No entanto, Emanuel de Moraes, em seu ensaio sobre a obra de Drummond, de 1970, faz uma consideração justa:

A análise literária, infelizmente, obriga o retalhamento, quando se pretende extrair do conjunto da obra, como se esta fosse um só e

⁴ A ideia de registrar memórias de leitura feitas na infância foi explorada também por autores como Jorge Luis Borges, Proust, Fernando Savater, entre outros. Em 2012, quando participei da Escola São Paulo de Estudos Avançados sobre a Globalização da Cultura no Século XIX, na USP, o pesquisador francês Roger Chartier esteve presente na comunicação oral em que apresentei o projeto desta pesquisa e, ao final, destacou em sua fala que as “memórias de menino leitor” se tratava, em sua opinião, de um novo gênero, visto que muitos autores escreveram sobre suas memórias de leitura desde o século XX.

grande poema, cada uma de suas linhas temáticas. (...) Inúmeras vezes um verso em determinado poema passará despercebido, ressurgindo com renovada força de expressão numa releitura, pelas correlações que se descobrem entre verso, antes aparentemente desimportante, e a obra posterior do poeta. (MORAES, 1970, p.7)

Nesse viés, considerando a fortuna crítica sobre a obra do poeta, notou-se uma possibilidade de estudo ainda não explorada mais a fundo. Dessa maneira, o objetivo proposto aqui de observar a trajetória do menino leitor mostrou-se como uma nova senda a ser aberta na interpretação da obra de Drummond, o que justifica, de certa forma, a viabilidade desta pesquisa.

Antes da primeira publicação de *Boitempo*, Drummond esteve engajado num projeto que enaltecia as paixões corporais, publicadas no livro *A paixão medida*. Na sequência desse trabalho, o poeta passa a se interessar pelas volúpias de menino e, segundo Santiago (1990), à medida que sua curiosidade pelo outro, de carne e osso, desaparece, o poeta descobre a essência do amor mais ingênuo, “agigantam-se outras formas de prazer” (SANTIAGO, 1990, s/p), uma delas seria o mundo encantado da “infância-velhice”.

A primeira publicação da trilogia ocorre no final da década de 1960 e início da década de 1970: *Boitempo* (1968), *Boitempo: menino antigo* (1973) e *Boitempo: esquecer para lembrar* (1979). Hoje, pela editora Record, a obra, que chamo aqui de trilogia *Boitempo*, foi condensada em dois volumes. No decurso do estudo, analiso a oitava edição (2006) desta editora. Quanto ao conteúdo, no primeiro volume (*Menino antigo*) o autor explora as memórias mais relativas à sua infância em Itabira. Depois, no segundo volume (*Esquecer para lembrar*), o foco passa a ser direcionado para as memórias de juventude e, sobretudo, quando o poeta, já moço, mudou-se para Friburgo em razão dos estudos. Trata-se de uma etapa da obra cujo tema “descobertas de adolescente” perpassa por quase todos os poemas. Memórias que recuperam um tempo de boi em Itabira, tempo de escola, em Belo Horizonte, um mundo, agora, abstrato, de cheiros, cores, gostos e sons, possíveis de serem alcançados novamente só pelo viés da lembrança.

Sobre a metodologia pensada para o estudo, em sua totalidade, cabe lembrar inicialmente que a trilogia *Boitempo* é composta por 410 poemas, consistindo no conjunto mais relevante de poesia publicado pelo autor em um único trabalho. Desses 410 poemas, selecionei como

corpus da pesquisa cerca de 50 poemas que se referem ao interesse do menino por livros, curiosidade pela leitura e seu desejo de escrever. Esses poemas tratam tanto da vida do menino e jovem com a leitura e escrita, como também do modo como os outros ao seu redor lidavam com essas duas habilidades. Nem todos os 50 poemas selecionados para observação são mencionados aqui. Ao longo das discussões, escolho os mais representativos, embora todos tenham colaborado para a análise dos que aqui menciono.

Ainda sobre aquilo que tange à escolha por pensar no “menino leitor”, em específico, achei prudente fazer aqui algumas considerações. Certa vez, num evento em que apresentava o projeto desta pesquisa, um determinado colega perguntou se com a ideia de “menino leitor” eu não estaria desenvolvendo uma pesquisa cartesiana, querendo dizer, com isso, que eu poderia estar assumindo o risco de limitar a personalidade de Drummond, quando seria melhor, ao invés disso, estudá-lo como personalidade de múltiplas identidades. Como de costume, as melhores respostas nos ocorrem depois do momento em que elas nos são cobradas. No entanto, o questionamento provocou muita reflexão a respeito do assunto e contribuiu para que eu defendesse melhor aquilo que estava buscando. A resposta não dita, talvez, de modo adequado naquele momento ficou guardada.

Embora, num contexto de identidades fragmentadas, fique claro que Drummond representa um perfil pluralizado, a ideia desta pesquisa foi justamente escolher um prisma principal pelo qual o “autor” será observado. O fato dessa perspectiva do “menino leitor” ter sido escolhida não limita a possível visão das outras identidades do poeta, apenas estabelece prioridades e organiza melhor uma pesquisa desse porte, relativamente breve.

Resta ainda falar aqui sobre o trajeto teórico percorrido durante a pesquisa para fomentar as discussões dos capítulos seguintes. Importa dizer que o ponto de partida marcou-se por um estudo seletivo da obra de Walter Benjamin, que embasou as reflexões sobre o passado e, portanto, sobre o pensamento histórico e memorialístico daquele que decide rememorar.

No capítulo II, guiada pelos conceitos de Benjamin sobre história e suas considerações sobre a infância, tracei uma análise acerca dos poemas⁵ selecionados como corpus para entender melhor a perspectiva

⁵ Vale dizer, a título de metodologia, que não estou propondo aqui uma análise poética da obra do autor em relação à estrutura, rima e métrica. Apesar de considerar importante tal procedimento, de cunho marcadamente estruturalista,

pela qual o eu-lírico de Drummond narra suas memórias em Boitempo em relação ao passado.

No que toca às discussões sobre o menino leitor e suas primeiras descobertas, base do capítulo III, o texto de maior auxílio foi o de Vincent Jouve, que fala sobre o processo de leitura para as crianças. Além dele, Regina Zilberman, para se pensar a história da literatura infantil no Brasil, colaborou nas observações sobre a revista Tico-Tico, cujo menino era assinante. Ao contar sobre essa leitura semanal, Drummond também “conta” uma história de leitura no território nacional, que alcançou, assim como a ele, muitos outros meninos leitores brasileiros. Em Hans Robert Jauss, pude entender melhor o conceito sobre o horizonte de expectativas criado por todo leitor em relação à obra lida e observar melhor, com isso, a relação criada entre o menino e seus textos. Ainda com auxílio de outros estudiosos sobre Drummond, foi possível pensar a identificação do menino leitor com a obra de Defoe, *As Aventuras de Robinson Crusóé*, bem como perceber como o prazer da leitura está associado, na poesia drummondiana, ao momento igualmente prazeroso de solidão.

Consecutivamente, cheguei à etapa do menino interessado no exercício da escrita, em fase de “soltar a coisa oculta no seu peito”. Aqui, a solidão da ilha foi deixada um pouco de lado, enquanto o menino parte ao encontro de outros leitores em Belo Horizonte. Nesse novo contexto interativo, foi possível observar o menino-moço em contato com seus pares e, antes disso, perceber as motivações e desejos pela autoria crítica, em resposta às leituras que fez. Conteí, para isso, com a teoria de Bakhtin, encontrada em *Filosofia da linguagem* e com aparato de Marisa Lajolo no que tange a essa discussão sobre a recepção crítica da leitura.

Por fim, cabe dizer que, em Boitempo, Drummond fez da memória um “pasto de poesia”, como disse no poema em “Remissão”, no livro *Claro Enigma*. O núcleo desta pesquisa encontra-se, portanto, na análise deste “pasto poético”, homenagem ao tempo pretérito, que pode ser encontrado nas memórias do menino antigo, menino leitor,

neste trabalho, em específico, o foco está voltado para a esfera semântica dos versos, deixando de lado por ora as técnicas para esse tipo de análise e dando atenção especial ao contexto histórico, ideológico e significativo da obra. Tal escolha se deu a partir da leitura do livro *A literatura em perigo*, de Tzevan Todorov, que justifica e defende a priorização dessa abordagem em estudos literários.

menino poeta, e marcam uma porção inegavelmente relevante da poesia moderna brasileira.

2. BOITEMPO: UM RETROVISOR NO FIM DO CAMINHO.

De cacos, de buracos
de hiatos e de vácuos
de elipses, psius
faz-se, desfaz-se, faz-se
uma incorpórea face,
resumo do existido.

(“ (In) memória”,
Carlos Drummond de Andrade)

... e se ilude,
privando-se do melhor, quem só faz o
inventário dos achados e não sabe assinalar
no terreno de hoje o lugar
no qual é conservado o velho.

(“Escavando e recordando”,
Walter Benjamin)

Para onde se olha no retrovisor? Esta poderia ser uma pergunta interessante feita ao materialista histórico. Numa música composta por Fausto Nilo, artista brasileiro, do grupo Teatro Mágico, chamada “Retrovisor”, há uma definição para esse olhar, voltado ao passado, que trouxe consigo reflexões válidas que vão, a meu ver, ao encontro da perspectiva histórica adotada neste estudo:

Outras flores e carros surgem no meu retrovisor
Retrovisor é passado, é de vez em quando do meu
lado
Nunca é na frente
É o segundo mais tarde, próximo, seguinte
É o que passou e muitas vezes ninguém viu.
Retrovisor nos mostra o que ficou
O que partiu, o que agora só ficou no pensamento
Retrovisor é mesmice em trânsito lento
Retrovisor mostra meus olhos com lembranças
mal resolvidas
Mostra as ruas que escolhi
Calçadas e avenidas
Deixa explícito que se for pra frente
Coisas ficarão pra trás
A gente só nunca sabe que coisas são essas.⁶

⁶ Fonte: <http://letras.mus.br/?q=retrovisor> <acesso em fevereiro, de 2014>.

A perspectiva do retrovisor, trazida na letra, é cara ao historiador que se preocupa com as histórias dos vencidos e, conseqüentemente, com os vestígios do esquecido, deixados para trás. Neste capítulo, abro duas seções que irão explorar e observar, por meio dos poemas de Boitempo, de que modo Drummond se posicionou diante de seu retrovisor. Num primeiro momento, falo sobre a junção e encontro de dois olhares (do menino e do velho poeta), o que resultou no “menino antigo” e, no segundo, discuto sobre as demandas do pretérito envolvidas no exercício de registro da memória, bem como o movimento de “esquecer para lembrar”. Assim, as próximas páginas se encarregam de apresentar uma discussão do retrovisor no fim do caminho, usado por Drummond para escrever a obra que define o corpus deste estudo, resumo do existido.

2.1 ENCONTROS DO PRETÉRITO: ERA UMA VEZ UM MENINO ANTIGO.

Carlito, como costumava ser chamado pela família, nasceu em 1902 e foi o nono filho de Carlos de Paula Andrade e Julieta Augusta Drummond de Andrade. A família viveu em Itabira, interior de Minas Gerais, até 1920, quando se mudou para Belo Horizonte. Dezoito anos após o nascimento do menino, já não era mais tempo de boi na cidade e restavam agora apenas lembranças dos dias na fazenda e daquela rotina pacata, nem por isso desinteressante.

Ao lembrar os primeiros anos vividos em Itabira, Drummond aceita um encontro – numa comunhão que só pode ser concebida no espaço da memória – com sua própria versão de Carlito, de modo a reunir em seus versos duas perspectivas: a do menino e a do velho escritor, ou seja, nasceu desse encontro a perspectiva do menino antigo. Não se trata, no entanto, de uma ilusão romantizada crente no resgate de uma criança interior, como popularmente se ouve dizer. Aqui, o saudosismo romântico de Casimiro de Abreu, expresso em seu famoso poema “Meus Oitos Anos”, não contagiou o poeta itabirano o suficiente, a ponto de fazê-lo pedir também ao tempo que trouxesse de volta a Fria Friburgo ou os difíceis momentos no quarto de roupas sujas, como se lê em um dos poemas. Pelo contrário, Drummond encontra-se com o olhar do menino, menino antigo, junção, comunhão, encontro entre os tempos,

possibilitado pelo viés da memória, para olharem juntos em direção a um mesmo passado e repensar, quiçá, um presente.

No primeiro poema de Boitempo: menino antigo, chamado “Documentário”, o autor narra a reunião e a transformação do olhar do velho escritor em menino antigo, como quem anuncia na abertura qual será seu ponto de vista. Trata-se do momento em que Drummond, sem negar sua idade madura e experiência de vida, assume a perspectiva do menino e mescla a experiência e opinião de ambos em sua escrita poética:

DOCUMENTÁRIO

No Hotel dos Viajantes se hospeda
 Incógnito.
 Lá não é ele, é um mais-tarde
 Sem direito de usar a semelhança.
 Não sai para rever, sai para ver
 O tempo futuro
 Que secou as esponjeiras
 E ergueu pirâmides de ferro em pó
 Onde uma serra, um clã, um menino
 Literalmente desapareceram,
 E surgem equipamentos eletrônicos.
 Está filmando
 Seu depois.
 O perfil da pedra
 Sem eco.
 Os sobrados sem linguagem.
 O pensamento descarnado.
 A nova humanidade deslizando
 Isenta de raízes.
 (...)
 Tudo registra em preto-e-branco
 Afasta o adjetivo da cor
 A cançõeta da memória
 O enternecimento disponível na maleta.
 A câmara
 Olha muito olha mais
 E capta
 A inexistência abismal
 Definitiva/infinita.
 (ANDRADE, 2006, p. 25)

No poema, o autor mais velho parece se hospedar no hotel dos viajantes, provável hospedagem dos viajantes no tempo. Sobre o mesmo poema, no início da década de 90, Regina Souza Vieira publicou em seu estudo sobre Boitempo uma análise destes versos, comentando:

Neste poema introdutório de Menino Antigo o tempo elevou o Eu Lírico a um plano de espectador da própria existência, permitindo-lhe observar a [à] distância o seu próprio passado, não como alguém envolvido, mas apenas como fotógrafo de si mesmo. (VIEIRA, 1992, p.23)

Em concordância com a interpretação de Vieira, arrisco avançar um pouco mais esse olhar e dizer com apoio nos estudos de Walter Benjamin, que Drummond consegue não somente se afastar, como fotógrafo de si, como também estar envolvido concomitantemente. Sem direito de reutilizar a aparência do menino, aparelhos eletrônicos (marcas do presente) filmam em preto-e-branco (cores que marcam o passado) um ontem dele mesmo mesclado ao seu “depois”: “não sai para rever, sai para ver/ o tempo futuro (...) Está filmando o seu depois”. O foco da visão não diz respeito ao menino sozinho; é o homem, o antigo, que se junta ao menino, numa nova filmagem dos tempos: “lá não é ele, é um mais tarde”. Nota-se que o poeta não faz uso de linguagem infantil, tampouco demonstra ingenuidade naquilo que fala, todavia tenta ver seu mundo de agora, com o olhar do menino. O que o menino Carlito diria desse tempo presente? Dessa Itabira transformada? Dessa nova humanidade? Desse “depois” observado? Assim, num movimento de rememoração, ele volta o olhar para o passado sem deixar de estar com os pés fincados no presente. Poderíamos dizer, então, que Boitempo é um documentário de um passado revisitado por Drummond.

Esse conceito de rememoração trata daquilo que já foi explorado por Walter Benjamin e mais tarde bem re-explorado por Agamben (2005). O exercício de rememoração corresponde à junção da memória e da ação. Assim, lembrar o passado não deve ser apenas um exercício de lembrar, memorar, mas também uma ação situada no presente, voltada para o futuro. Uso da memória ativa, que não apenas lamenta pelo passado de maneira melancólica e saudosista, mas instiga ações alicerçadas no presente.

Torna-se notável também que Drummond não apenas se lamenta apático por uma Itabira que não mais ecoa ou por uma humanidade isenta de raízes. Ele vai além e retoma esses pesares em seus poemas, de

modo a propor uma nova leitura sobre isso, adaptável ao tempo presente em forma de reflexão. Para o leitor mais atento, a Itabira de Drummond pode se traduzir em nossas Itabiras pessoais, visto que as transformações pelas quais a cidade mineira passou (e ainda passa) também tomam conta de nossos comuns lugares. Dito de outro modo, o sentimento de uma humanidade que perdeu ou vem perdendo suas raízes não pertence apenas aos itabiranos. Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2011), ajuda-nos a entender melhor isso⁷.

Este deslocamento efetuado por Drummond e ilustrado no poema “Documentário” pode ser comparado, em certa medida, ao mesmo deslocamento do “anjo da história”, alegoria estabelecida por Walter Benjamin (1994) em seu já célebre ensaio “Sobre o conceito de história”. A tese IX evoca uma imagem dialética. Trata-se de um quadro de Paul Klee, artista alemão que, por sua vez, tinha também como estilo próprio adotar a perspectiva infantil para suas obras. Em 1920, Klee, usando óleo e aquarela em papel, cria a obra *Angelus Novus*, mais tarde chamada por Benjamin como “anjo da história”. A posição do eu lírico do poema de Drummond pode ser equiparada à posição do anjo. Vejamos a imagem a fim de facilitar a discussão:

Figura 2: *Angelus Novus*, Paul Klee, 1920.

⁷ Este conceito de identidade pluralizada provém de Stuart Hall. No último capítulo, faço considerações sobre *Boitempo* com base em duas de suas obras: *A identidade cultural na pós-modernidade* e *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, para falar do leitor e sua relação com os outros, na formação da identidade do sujeito-escritor.



Fonte: <http://lovearth.tumblr.com/post/10747691722/paul-klee-angelus-novus-1920-acidic-water> <acesso em outubro, de 2013>

A própria imagem de Klee, discutida por Benjamin, é composta por contrapontos (pas-sado/futuro), (atrás/frente):

Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. (BENJAMIN, 1994, p.226)

Drummond, assim como o anjo, olha atento para o passado, “olha muito olha mais/ e capta a inexistência abismal”. Onde muitos se orgulham pelo levantamento de pirâmides de ferro, representando o progresso econômico da cidade, ele vê uma Itabira sem eco, “esponjeiras secas, uma serra, um clã, um menino”, todos desaparecidos. Catástrofe. E, enquanto aparelhos eletrônicos surgem em demasia, a tempestade sopra, empurra-o para frente. Progresso. O que lhe resta é continuar andando em direção ao futuro, porém seguindo com o olhar voltado para as ruínas. Fragmentos. Se não é possível acordar os mortos, rever a serra, acordar o clã, os bois e o menino, que se ergam monumentos de rememoração em respeito a eles. Que se use a voz (ou a poesia) para falar dos vencidos, dos cacos, dessas ruínas do tempo de boi. Nessa perspectiva, fica evidente o quanto a poesia de Drummond está afinada aos conceitos benjaminianos.

O último verso diz: “definitiva/ infinita”. É a condição do menino que já não mais existe, mas que permanece infinitamente em vida por meio da memória registrada. Nesse ponto, Drummond faz um arranjo de palavras para alcançar um novo significado. Esta é a nova relação do menino: está fadado à inexistência, por definitivo, pois não voltará, todavia sua memória é infinita e sua percepção acessível para que não esteja de todo modo afastado deste tempo. O poema “Documentário” é adequadamente posicionado como abertura de Boitempo, pois declara, ao que parece, desde o início a postura do autor em sua missão: compromisso com a memória e poesia, mas, principalmente, propósito de mesclar o passado e o futuro, sobretudo, com o presente.

Silviano Santiago, em texto publicado pela Folha de São Paulo, escrito para uma palestra, “Discurso memorialista de Drummond”, corrobora para essa interpretação dizendo:

O passado não existe enquanto tal; ele não se dissocia do presente e do futuro – tudo se transcorre num eterno presente cujo epicentro não é a contemporaneidade, mas o próprio passado, (...), assim também para o escravo da infância não há futuro, há só passado. Eis o ‘caminhar de costas’ de que nos fala de maneira ainda enigmática ‘Boitempo’. (SANTIAGO, 1990, s/p.)

Santiago também reforça a ideia sobre o posicionamento de Drummond que pode ser comparado ao do anjo da história: aquele que caminha de costas. Sob tal direcionamento, os três primeiros poemas da

trilogia servem como anúncio do que está por vir, demarcando claramente o engajamento de Drummond no que tange ao seu trabalho memorialístico. O segundo poema, por exemplo, “(In) Memória”, fala sobre o material que compõe a memória: “De cacos, de buracos/ de hiatos e de vácuos/ de elipses, psius/ faz-se, desfaz-se, faz-se/ uma incorpórea face, resumo do existido.” (ANDRADE, 2006, p.27). Ele sabe desde o início que está a trabalhar com vestígios e não com um passado homogêneo, traçado por uma história oficial. Os monumentos erguidos por Drummond são outros. Considera os fragmentos e, como se fosse um aluno – mesmo que sem saber – da escola do materialismo histórico, “escova a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1994, p.225). Eis um trecho da tese II que elucida as preocupações do materialista histórico:

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? (...) Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. (BENJAMIN, 1994, p.223)

Drummond não ignora o apelo e sabe desse encontro, como sabe dessas vozes que foram caladas. Inclusive, pode-se dizer que Boitempo trata de um encontro secreto entre as gerações: o menino e o velho. Ambos engajam-se numa complementaridade de perspectivas para atender ao apelo. Sobre essa tese II, Lowy, autor que interpreta as teses em Walter Benjamin: aviso de incêndio, comenta que quando o filósofo alemão cita a força messiânica, direcionada à redenção, não diz respeito a um Messias que retorna: “Não há um Messias enviado do céu: somos nós o Messias, cada geração possui uma parcela do poder messiânico e deve se esforçar para exercê-la.” (LOWY, 2005, p.51)

No entanto, não devemos alimentar uma utopia sobre a salvação. Conforme elucida Lowy (2005), a redenção não é garantida, representa apenas uma possibilidade muito pequena que é preciso saber agarrar. Por saber dessa libertação remota, não se quer enaltecê-lo aqui Drummond como salvador da história. No entanto, seu trabalho representa um

movimento pequeno, porém significativo. Vale considerar, pois, sua força messiânica e seu esforço em ouvir o apelo do passado e promover um encontro (infância-velhice) em virtude de uma ressignificação do presente.

Ainda no que diz respeito aos poemas introdutórios de Boitempo, em sequência, o terceiro poema também versa sobre um encontro:

INTIMAÇÃO

- Você deve calar urgentemente
as lembranças bobocas de menino.
- impossível. Eu conto o meu presente.
Com volúpia voltei a ser menino
(ANDRADE, 2006, p.28)

Aqui se vê uma espécie de diálogo entre Drummond e o eu lírico. Um aconselha que pare logo com o exercício de pensar no menino, depreciando as lembranças como “bobocas”. O outro responde que aquilo que conta é seu presente e assume assim seu encontro com o menino como resposta definitiva. Para Regina Souza Vieira (1990, p.25), “na memorialística drummondiana, o tempo serve de elemento à projeção no passado, permitindo ao poeta manter a consciência do hoje e através deste reconstituir-se na infância.” Essa projeção adotada pelo autor permite o que se lê no último verso: “Com volúpia voltei a ser menino”.

Ademais, nota-se de um lado o comentário que censura e, de outro, o prazer em voltar a ser menino, a volúpia. Silviano Santiago chama esse confronto de “o mundo encantado da infância-velhice” (1990, s/p.), trazendo uma conclusão interessante para o seu texto antes referido. Nele, comenta que a velhice abarca tanto a senilidade quanto a infância e diz: “Carlos Drummond acabou por nos legar uma terrível verdade: quando velho é que o ser humano é verdadeiramente menino. Se a essência do amor é a paixão medida, a essência da velhice é a desmedida infantil”. (SANTIAGO, 1990, s/p.).

Apesar de que as duas idades se encontram em polos extremos da vida de um indivíduo, não se pode negar que, se pensarmos o período vital de um ser humano de forma cíclica, haverá um ponto de contato entre a infância e a velhice. Em Benjamin, no texto “Rua de mão única”, também se pode reconhecer essa constatação feita sobre as idades e a inversão dos postos do saber. O autor inicia seu texto com um fragmento aforístico:

Volta! Está tudo perdoado!

Como alguém que executa o giro completo na barra horizontal, assim também giramos, quando jovens, a roda da fortuna, da qual então, cedo ou tarde, sairá a sorte grande. Pois somente o que já sabíamos ou exercitávamos aos 15 anos representará um dia os nossos atrativos. E, por isso, uma coisa jamais pode ser reparada: ter perdido a oportunidade de fugir da casa dos pais. De 48 horas de abandono nesses anos solidifica-se, como em uma barrela, o cristal da felicidade da vida. (BENJAMIN, 2002, p.103)

O movimento sugerido por Benjamin evoca um giro de 360°, quando o ponto de chegada se une ao ponto de partida. Nesse sentido, aquilo que importava no início é o que volta a fazer sentido no final. Ou seja, o saber dos 15 anos representa ao fim da vida o mais importante e atraente. Na mesma direção, pensando em Boitempo, o significado e atenção que a criança dá ao vestígio de um passado é retomado na poesia de Drummond como ato sábio daquele que dá valor aos restos. A investigação e o interesse da criança passam a ser o olhar exemplar para o velho. Sobre essa investigação infantil, Solange Jobim e Souza (1994, p. 160) diz:

A criança está sempre pronta para criar outros sentidos para os objetos que possuem significados fixados pela cultura dominante, ultrapassando o sentido único que as coisas novas tendem a adquirir. Sendo capaz de denunciar o novo no contexto do sempre igual, ela desmascara o fetiche das relações de produção e consumo. A criança conhece o mundo enquanto o cria e, ao criar o mundo, ela nos revela a verdade sempre provisória da realidade em que se encontra.

É nesse sentido que o título de um dos capítulos da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, lembra que “o menino é pai do homem” (ASSIS, 1999), conforme o conhecido poema de William Wordsworth. A ideia vem ao encontro de tal reflexão. Quando o menino torna-se “pai do homem”, sua perspectiva contribui para um olhar mais criativo sobre a realidade, sempre

provisória, da sociedade. Tal deslocamento entre infância-velhice lembra também um dos aforismos trazidos no clássico *O pequeno Príncipe*, de Antoine Saint-Exupéry, outro autor que explora bem a perspectiva infantil: “As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, estar toda hora explicando” (EXUPÉRY, 2006, p.3).

Silviano Santiago também comenta sobre as fases do poeta e seu estilo que foi mudando com o tempo de modo a valorizar a percepção infantil:

Numa segunda fase, que vai de 1968 até os derradeiros poemas colecionados em livros (...) a frase é pobre, o vocabulário restrito e são como susurros líricos e infantis, ditos por alguém que, por ter palmilhado muitos e variados caminhos, chega contraditoriamente à conclusão de que a simplicidade é a maior virtude. (SANTIAGO, 1990, s/p)

O velho Drummond reconhece no menino a sapiência não só na simplicidade, mas observa outras minúcias do olhar infantil, como o de buscar uma coleção única de estilhaçadas rosinhas, antigos detalhes de uma velha xícara, ou um prato, como se vê no poema “Coleção de Cacos”:

Já não coleciono selos. O mundo me inquizila.
Tem países demais, geografias demais.
Desisto.
Nunca chegaria a ter álbum igual ao do Dr.
Grisolia,
orgulho da cidade.
E toda gente coleciona
os mesmos pedacinhos de papel.
Agora coleciono cacos de louça
quebrada há muito tempo.

Cacos novos não servem.
Branco também não.
Têm de ser coloridos e vetustos,
desenterrados – faço questão – da horta.
Guardo uma fortuna em rosinhas estilhaçadas,
restos de flores não conhecidas.
Tão pouco: só o roxo não delineado,

o carmesim absoluto,
 o verde não sabendo
 a xícara que serviu.
 Mas eu refaço a flor por sua cor,
 e é só minha tal flor, se a cor é minha
 no caco da tigela.

O caco vem da terra como fruto
 a me aguardar, segredo
 que morta cozinheira ali depôs
 para que um dia eu o desvendasse.
 Lavar, lavar com mãos impacientes
 um outro desprezado
 por todos da família. Bichos pequeninos
 fogem de resolvido lar subterrâneo.
 Vidros agressivos
 ferem os dedos, preço
 de descobrimento:
 A coleção e seu sinal de sangue;
 A coleção e seu risco de téfano;
 A coleção que nenhum outro imita.
 Escondo-a de José, por que não ria
 nem jogue fora esse museu de sonho.
 (ANDRADE, 2006, p.214-215)

A coleção de selos que muitos fazem, cheia de significados para os adultos, não serve ao pequeno colecionador, tampouco cacos novos. O que vale são os cacos enterrados, que guardam segredos e histórias, museu do sonho. São vários os poemas em que Drummond lembra o interesse que tinha pelos detalhes. Assim como o poeta, Benjamin também se dedicou a analisar o comportamento da criança, deslocada ao posto de mestre do adulto. No ensaio “Rua de mão única”, já citado, o filósofo analisa a forma como as crianças brincam nos escombros da história, dando atenção às ruínas:

É que as crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. (BENJAMIN, 2002, p.104)

Para elas, é como descobrir um brinquedo secreto, de significado que só a própria criança poderia explicar, jamais um adulto. Assim, a coleção de cacos de Carlito é ouro desprezado pelos adultos da casa: “A coleção que nenhum outro imita./ Escondo-a de José, por que não ria/nem jogue fora esse museu de sonho”. Nas palavras de Benjamin, Carlito seria, inegavelmente, um legítimo caçador:

Toda pedra que ela encontra, toda flor colhida e toda borboleta capturada já é para ela o começo de uma coleção e tudo aquilo que possui constitui para ela uma única coleção. Na criança, essa paixão revela o seu verdadeiro rosto, o severo olhar do índio que continua a arder nos antiquários, pesquisadores e bibliômanos, porém com um aspecto turvado e maníaco. Mal entra ela na vida e já é caçador. (BENJAMIN, 2002, p.107)

Desse modo, é na autonomia de inventar um brinquedo novo que a criança sente o significado das coisas e do mundo voltado para ela, percepção exemplar ao materialista histórico. No artigo “Livros infantis velhos e esquecidos”, Benjamin complementa:

Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas. Neles, [as crianças] estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma relação nova e incoerente. Com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande. (BENJAMIN, 2002, p.104)

São inúmeros os poemas em que Drummond relembra brincadeiras desse tipo em que um objeto qualquer (tesouro eleito) tornava-se esplendoroso brinquedo de descobertas e mais tarde poema. Isso explica por que a horta e a terra eram lugares preferidos para brincar. Num outro trecho do poema “Litania da Horta”, nota-se a menção à coleção de cacos novamente:

(...)
Horta de caramujo e do sapo e do caco
de tigela de cor guardado por lembrança,

horta de deitar no chão e possuir a terra,
e de possuir o céu, quando a terra me cansa.
(ANDRADE, 2006, p.138)

Nesse outro, intitulado “Licoreiro”, a garrafa de licor é o brinquedo da vez a ser observado e degustado na imaginação. Sobre isso, o poeta lembra a voz do adulto a comentar:

- que tem esse menino, a contemplar
o tempo todo o licoreiro
se dentro dele não há nada?
Meu Deus, esse menino é viciado,
está na pua, só de olhar o licoreiro!
(ANDRADE, 1006, p. 115)

Para o adulto, a brincadeira do menino é ininteligível, julgam-no em estado de embriaguez por olhar por tanto tempo para uma garrafa de licor vazia. No poema “Procurar o quê”, o menino reclama dessa incompreensão:

Me chamam de bobo porque vivo olhando aqui e ali, nos ninhos, nos caramujos, nas panelas, nas folhas de bananeira, nas gretas do muro, nos espaços vazios.
Até agora não encontrei nada. Ou encontrei coisas que não eram a coisa procurada sem saber, e desejada.
Meu irmão diz que não tenho mesmo jeito, porque não sinto o prazer dos outros na água do açude, na comida, na manja, e procuro inventar um prazer que ninguém sentiu ainda.
Ele tem experiência de mato e de cidade, sabe explorar os mundos, as horas. Eu tropeço no possível, e não desisto de fazer a descoberta do que tem dentro da casca do impossível.
Um dia descubro. Vai ser fácil, existente, de pegar na mão e sentir. Não sei o que é. Não imagino forma, cor, tamanho. Nesse dia vou rir de todos.
Ou não. A coisa que me espera, não poderei mostrar a ninguém.
Há de ser invisível para todo mundo, menos para mim, que de tanto procurar fiquei com merecimento de achar e direito de esconder.
(ANDRADE, 2006, p.211)

Os adultos não entendem, zombam do menino, por não compreenderem suas buscas. As preocupações dos adultos em relação às brincadeiras do menino também foram registradas no livro *Conversas de Sá Maria com Drummond*, de Julieta Drummond de Andrade Müller, sobrinha do poeta. O livro, destinado ao público infantil, narra a rotina do tio de Julieta quando criança e, sobretudo, suas conversas com Sá Maria, a negra, “mãe preta”, que cuidava do menino e era tratada com muito afeto por ele. Em mais de um trecho da história aparece a preocupação da família com o fato de o menino ser diferente. A seguir, dois exemplos de trechos tirados do livro:

Era uma vez um menino muito branquinho, de olhos azuis, magrinho, magrinho. Conversava com as árvores, passarinhos, peixes e nuvens. Não era doidinho, apenas diferente dos outros garotos. Quando passeava com Sá Maria, a velha empregada da família, queria saber de tudo. (MULLER, 2004, p.07)

[Drummond:]Por isso que eu queria ser bicho do mato, morar no cupim, ou viver dentro da água.
[Sá Maria:]- Cruz credo meu ‘fio’, por isso que sua mãe tem medo ‘docê ficá’ doido.
[Drummond:]- Sá Maria, a senhora acha que eu sou doido? (MULLER, 2004, p.21)

Num universo de significados tão distintos, torna-se difícil que o adulto compreenda a criança e vice-versa. No entanto, nessa história de mundos e significados diferentes, o adulto seria o “vencedor” da história e a criança estaria sob uma espécie de “estado de exceção”. A infância compreende uma minoria, observada com esse olhar mais atencioso por poucos. Isso explica por que, muitas vezes, o sentimento de angústia por não ser compreendido atravessa os poemas. No caso de Drummond, esse estado se intensificava também por outro viés, pois além de ser criança, era também o mais fraco, o mais quieto e magro, o que gerava um grande contraste com os irmãos que tinham no sangue o perfil herdado dos fazendeiros Andrades. No poema “O viajante pedestre”, esse sentimento de desgosto que o pai tinha pelo filho fica exposto de modo claro:

O fazendeiro descansa
 (...)

Cumpriu sua lei. Agora os filhos
 Cumpram a deles.

Mas um não sabe a cor da terra,
 Nunca aprendeu, nem saberá
 A rude física das estações;
 O jeito de um boi; a sagração de um milho.
 Que fará na roça esse herdeiro triste
 de um poder antigo?
 (...)

Meu pai, meu avô, meu bise-
 vô de nobres equipagens
 lá no céu dos fazendeiros
 estão despedindo raios
 de irada condenação
 dobre esse tonto rebento
 que nem noção de decoro
 conserva em sua tonteza...
 com você, filho, começa
 a desabar a família.
 (ANDRADE, 2006, p.207-2010)

Nesse universo infantil, pelo que demonstram os versos de Boitempo, a genialidade do menino ainda não era notada pelos seus pais, que nutriam esperanças de que Carlito, a exemplo dos irmãos, “tomasse jeito” quando crescesse atendendo às expectativas de continuidade nos negócios da família. O menino, porém, não parecia preocupado com a herança-fazenda, pois levava no peito uma interrogação maior sobre o mundo ao seu redor. Seus questionamentos eram outros. Drummond quebrou a sequência das gerações herdeiras da função de fazendeiro. Com ele, como disse nos últimos versos, “começa a desabar a família.” Ele estava, tal como disse Benjamin, imerso em seu próprio mundo, inserido, por sua vez, no mundo dos grandes.

Diante do que se discutiu até aqui, deu-se, portanto, um encontro no pretérito, quando o menino e o poeta se reencontraram no hotel dos viajantes, hóspedes da memória, para olharem juntos para o passado de Itabira, o passado do tempo de boi. A partir da experiência do poeta e do olhar simples e criativo da criança sobre o mundo, nasceu esse menino antigo, narrador de um passado e de um presente.

2.2 DEMANDAS DO PRETÉRITO: ESQUECER PARA LEMBRAR.

Agora, deixando um pouco de lado a perspectiva do menino, pensemos sobre a perspectiva do adulto que decide escrever sobre seu passado, sua história. Do carro-de-boi ao automóvel da cidade, passa-se quase um século, e foi preciso que o poeta fizesse uma seleção de suas memórias, “resumo do existido”. É nesse viés que, para lembrar, também foi preciso esquecer. O poema “(In) Memória” demonstra bem a postura do poeta e a consciência sobre os estilhaços de passado que compõem a memória:

De cacos, de buracos
de hiatos e de vácuos
de elipses, psius
faz-se, desfaz-se, faz-se
uma incorpórea face,
resumo do existido.

Apura-se o retrato
na mesma transparência:
eliminando cara
situação e trânsito
subitamente vara
o bloqueio da terra.

E chega àquele ponto
onde é tudo moído
no almofariz do ouro.
uma Europa, um museu,
o projeto amar,
o conclusivo silêncio.
(ANDRADE, 2006, p.27)

Nos primeiros versos, vemos elementos que detectam mais a ausência que a presença: buraco, hiato, eclipse, psius. O silêncio e a ausência são, desse modo, elementos nítidos na poesia. Na última estrofe, novamente, chega-se ao ponto em que tudo é moído e, portanto, triturado, resumido. Ou seja, para lembrar é preciso resumir o que existiu e, por conseguinte, ter o esquecimento e o silenciamento como aliados dessa lembrança.

Márcio Seligmann-Silva, em seu artigo “Reflexões sobre a história, a memória e o esquecimento”, faz um estudo que muito colabora para essas questões. Para isso, reúne e interpreta pensamentos e estabelece relação entre três autores importantes que desenvolveram estudos e reflexões sobre os meandros da memória: Walter Benjamin, Nietzsche e Maurice Halbwachs. Deixando um pouco de lado a importância do lembrar, até pouco tempo hegemônica, Seligmann-Silva (2003) elucida sobre como esses três autores fazem em seus estudos um elogio ao esquecimento. Essa conjuntura de pensadores que traçam uma nova perspectiva histórica – abrindo mão da utópica e positivista intenção de rever o passado tal como foi – reforça o pensamento de que o esquecimento é tão essencial quanto à lembrança.

Sobre esse novo direcionamento para o pensamento histórico, Seligmann-Silva destaca:

Conceitos iluministas – que estavam na base da historiografia –, como o do progresso e o de ascensão linear da história, também deixam de fazer sentido. Em contrapartida, observou-se mais e mais a ascensão do registro da memória – que é fragmentário, calcado na experiência individual e da comunidade, no apego a locais simbólicos e não tem como meta a tradução integral do passado. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.65)

Drummond estava sintonizado com essas novas concepções, mesmo não sendo esse, suponho, um direcionamento teórico consciente e proposital em seu trabalho. A obra *Boitempo* é o mosaico de uma memória itabirana, montado com fragmentos a partir de lembranças e esquecimentos e que dispensa, por sua vez, uma linearidade histórica. Assim, ele reúne e reconta, a seu modo, a história de Itabira que perpassa também a história do país do início do século XX. E sabe que, para isso, precisa contar também com o silêncio como elemento da memória.

Até por que, entre a memória e o esquecimento, há o espaço do silêncio, como lembra Michael Pollak, no texto “Memória, Esquecimento, Silêncio”, que fala sobre a função do “não-dito” e comenta a memória silenciada de grupos cujas lembranças muitas vezes foram reprimidas e proibidas. Mesmo assim, em outros espaços, esses silêncios e apagamentos se fazem presente de outra forma e estão em perpétuo deslocamento: “Essa tipologia de discursos, de silêncios, e

também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos” (POLLAK, 1989, p.6). No caso de Drummond, a poesia torna-se ponte para denunciar, por meio de uma ironia no mais das vezes francamente cômica, a organização da sociedade na qual esteve inserido. A poesia, aqui, foi a forma escolhida para dizer em versos o ressentimento guardado pelo menino que observou calado, porém não menos atento, a tudo que acontecia a seu redor naquele início de século. Nota-se nos poemas, mesmo que sutilmente, a voz da criança oprimida, do negro, da negra, dos empregados, dos animais maltratados, das mulheres reprimidas, dos alunos displicentes, entre outras minorias notadas pelo menino antigo. Wander Melo Miranda, em *Corpos Escritos*, também aborda a temática da memória do eu e colabora para a discussão, quando diz que a memória passa a ser uma forma de dar sentido e “transformar em história significativa a vida ou as vidas que escapam e fogem a todo momento, mutiladas, fragmentadas e dispersas no tempo.” (MIRANDA, 1992, p.126). Narrar, nesse contexto, é, portanto, agir e resistir:

Rememorar é, afinal, tornar duradouro o vínculo resistente estabelecido entre os excluídos e perseguidos, desejo sempre renovado de fazer da página escrita a página viva da interação, revelação de um saber nascido da disposição comum de narrar e que se desdobra, em moto contínuo, no presente da narrativa interminável. (MIRANDA, 1992, p.128).

Drummond, em sua fase mais madura, já não se via politicamente engajado ao Brasil, tampouco associado a algum partido ou causa política. Sua escrita, embora não tenha deixado de trazer uma mensagem de pensamento crítico em relação à sociedade, não levantava bandeira de denúncia e resistência. Tudo se dava agora de modo bem sutil ao longo dos versos de Boitempo. Assim, na leitura que faço da obra, apesar de não haver aquele engajamento, há a voz nítida do poeta intercedendo pela história da minoria. No poema “Casa e conduta”, o autor chega a se entender como dividido entre os vencedores e os vencidos.

As partes claras
E as partes negras
Do casarão

Cortam no meio
Meu coração.

Sou um ou outro
Móbil caráter
Conforme a luz
Que me percorre
Ou se reduz.

Anjo-esplendor,
Mínimo crápula,
Não sou quem manda
Em mim no escuro
Ou na varanda.

(...)

(ANDRADE, 2006, p.130)

O casarão dividia-se em dois: o casarão dos empregados e o casarão da família e das visitas, dos negros e dos brancos, de Sá Maria (mãe preta) e de Julieta (mãe branca). O menino está dividido e confuso entre as duas realidades, seu eu está refletido, junto à memória de como essa pequena sociedade se organizava no universo de uma casa. Vê-se aí uma memória individual acoplada à social. Historicamente, também há a representação de um contexto de Brasil colônia. Apesar de se tratar de uma realidade pós-abolicionista, sabe-se que a conduta dos patrões ainda no início do século XX reproduzia um comportamento de dominação e opressão sobre os empregados, agora “livres”. O menino se vê ora do lado claro (anjo-esplendor), ora do lado escuro (mínimo crápula), por isso encontra-se confuso, pois transita entre os dois mundos (centro e margem). Mesmo assim, deixa clara sua crítica quanto ao modo como os empregados eram tratados. Usa, dessa maneira, como falava Miranda anteriormente, a palavra a favor da memória configurada como modo de resistência a esse sistema.

Nesse sentido, além da peculiaridade de transpor a memória em versos, Drummond retrata, a partir de um olhar mais maduro, a sociedade dos anos de sua infância e juventude. Nesse viés, a obra não é, em nada, egocêntrica, pois, mesmo escrevendo sobre si, o autor consegue registrar a memória sobre os outros, memória das coisas, dos ares, dos cheiros, dos gostos. Em concordância com o estudo de Chantal Castelli (2002), o que o poeta exercita em *Boitempo* corresponde muito mais a uma “heterobiografia” do que uma “autobiografia”, visto que sua

escrita ultrapassa as reflexões exclusivas do self. Logo, seus versos são carregados de ludicidade e criticidade.

Nessa escrita autobiográfica e poética não há pacto assinado entre leitor e autor, como poderia reivindicar Philippe Lejeune (1994) em O pacto autobiográfico. O compromisso de Drummond não parece ser com a ficção, tampouco com a escrita de si. Seu envolvimento é, antes de tudo, com a poesia inspirada pela memória, que, como lembra Lajolo (2004, p.19), “é seletiva e pouquíssimo confiável, como se percebe em todas as peças que ela nos prega quando nos lembramos de algo”. Lajolo alerta, ainda, que no caso de Boitempo o logro pode ser duplo, pois além de memória, estamos falando também de poesia. Seja sobre o vivido ou inventado, o fato é que esse registro do existido não conta, pois, apenas uma história individual de um menino antigo que se sentia gauche na vida, mas conta também uma história de uma sociedade mineira, fortemente influenciada pela cultura europeia e imersa nas transformações sociais do início do século XX no Brasil. São vários os poemas em que podemos notar isso. Separei um deles: o poema “Homem livre”, que fala do escravo Atanásio, homem de muitas habilidades e competência, que um dia fugiu, mas ninguém ousou prendê-lo, tamanha sua serventia em outros afazeres:

(...)

Sendo tanta coisa, nasce escravo,

o que não é bom para Atanásio e para ninguém.

Então foge do Rio Doce.

Vai parar, homem livre, no Seminário de
Diamantina,

onde é cozinheiro, ótimo sempre, esse Anastásio.

Meu parente Manuel Chassim não se conforma.

Bota anúncio no Jequitinhonha, explicadinho:

Duzentos mil-réis a quem prender o crioulo
Atanásio.

Mas quem vai prender homem de tantas
qualidades?”

(ANDRADE, 2006, p. 40)

A resistência de Drummond encontra-se, muitas vezes, no próprio sarcasmo com que descreve situações pela perspectiva do menino. A estranheza do Carlito em perceber algo, que para o mundo adulto era tão comum, representa aqui uma forma de resistir aos modos de opressão, disfarçados por detrás de uma conduta corriqueira e, além disso, já

assimilada pela sociedade como algo normal. A voz do menino traz à tona a barbárie que se camufla na rotina de uma sociedade. É como se levantasse o tapete do chão da casa e debaixo dele retirasse uma sujeira (escondida pelos adultos) que, nas mãos do menino, torna-se brinquedo a ser analisado. Essa sujeira é o rastro de violência moral e física direcionado às minorias. Rastro que Drummond transforma em poesia. Há outro poema, que exige do leitor – assim como outros – um olhar para além da mera observação. Este, em especial, passou despercebido em minha leitura algumas vezes, até que pudesse perceber, por fim, o tom de denúncia ali implícito:

AGRITORTURA

Amanhã serão graças
de museu.

Hoje são instrumentos de lavoura,
base veludosa do Império:
“anjinho”,
gargalheira,
vira-mundo.

Cana, café, boi
emergem ovantes dos suplícios.
O ferro modela espigas
maiores.

Brota das lágrimas e gritos
o abençoado feijão
da mesa baronal comandadora.
(BOITEMPO, 2006, p.38)

As expressões “anjinho”, “gargalheira” e “vira-mundo”, pensei a princípio que se tratava, de fato, de instrumentos usados na colheita, referem-se a instrumentos de tortura para evitar a fuga de escravos, enquanto trabalhavam na lavoura. O lucro da cana, do café e do boi pagam o feijão da mesa em que o menino come, mas esse mesmo feijão foi custeado, na verdade, pelas lágrimas, suplícios e gritos dos negros, trabalhadores do campo. Parece, pois, que Drummond também “brinca” de esconder delações mais pesadas por baixo do tapete de seus versos. Para Halbwachs, toda lembrança individual está permeada pela memória coletiva, pois mesmo quando se trata de um estado de consciência

puramente individual, ocorrem infiltrações de uma corrente de pensamento social.

Nesse momento, Halbwachs afirma que temos em nós, em alguma medida, o controle da memória. “A lembrança está ali, fora de nós, talvez dispersa entre muitos ambientes. Se a reconhecemos quando reaparece inesperadamente, o que reconhecemos são as forças que a fazem reaparecer e com as quais sempre mantivemos contato.” (2006, p. 59). Desse modo, a lembrança está, para ele, estritamente relacionada à nossa vontade própria de lembrar algo. “Portanto, qualquer recordação de uma série de lembranças que se refere ao mundo exterior é explicada pelas leis da percepção coletiva.” (2006, p. 62). O ponto de partida da memória pode estar em nós ou no outro, porém é certo que haja um ponto de contato entre as duas esferas (individual e coletiva).

Se, como elucida Halbwachs nessa perspectiva, somos uma espécie de eco, pode-se dizer também que Drummond é eco de Itabira, eco dos itabiranos do início do século XX que, assim como ele, acompanharam as transformações da cidade. Todavia, a certeza desse eco não garante que os conterrâneos tenham tirado o mesmo partido dessas memórias sociais que o poeta. Nos meandros da memória, são previstos alguns deslocamentos. Por exemplo, quando um indivíduo sofre alguma mudança - de cidade, profissão e/ou família - não rompe completamente os laços que o prendem a esses grupos antigos. O que acontece, agora, é a presença de uma complexidade nas relações, que aumentam e tornam-se mais entrecruzadas. Desse modo, uma sucessão de lembranças individuais ou coletivas se explica pelas mudanças ocorridas nos ambientes sociais, embora nem sempre coincidam essas memórias.

Outro aspecto que chama atenção nas poesias do corpus corresponde ao sensorial. De acordo com Dominique Veillon (apud POLLAK, 1989, p.9), “as recordações pessoais são normalmente tomadas pelos sentidos: barulhos, cheiros, cores.” Na poesia drummondiana, é possível perceber essa carga de ordem sensorial, sem deixar de perceber também os vestígios de uma memória coletiva da comunidade. Posto isso, há na obra Boitempo espaço para a recuperação de uma memória dos sons (o sino da igreja, o mugido da vaca) gostos (geleias, laranjas), cheiros (o odor ardido do quarto de roupas sujas e a malva do livro de rezas) e cores (do céu e do pasto). No entanto, todo esse registro, que diz respeito a uma memória íntima, desencadeia, além disso, o relato sobre como esses elementos estavam organizados dentro

da cultura social dessa comunidade: o sino⁸ anunciando a morte de alguém, que ao mesmo tempo em que soava, calava a todos e anunciava, inclusive, a importância social do falecido (conforme a classe à qual pertencia, tocava mais alto); o céu, pasto azul que o gado ganha em todo amanhecer; o quarto de roupas sujas em que as crianças costumavam ficar trancadas de castigo, entre outros elementos descritivos e concomitantemente denunciadores. Os objetos observados pelo menino denunciavam, assim, essa sociedade. Halbwachs faz uma afirmação interessante sobre a evocação desses objetos quando diz:

Não se pode dizer que as coisas façam parte da sociedade. Contudo, móveis, enfeites, quadro, utensílios e bibelôs circulam dentro do grupo e nele são apreciados, comparados, a cada instante descortinam horizontes das novas orientações da moda e do gosto, e também nos recordam os costumes e as antigas distinções sociais. (HALBWACHS, 2006, p.158)

É por meio da descrição e da lembrança dos objetos sem vida que Drummond vai costurando suas memórias vivas. Inclusive, na biografia de José Maria Cançado, *Os sapatos de Orfeu*, o biógrafo conta que Drummond solicitava com frequência a sobrinhas em Belo Horizonte e Itabira que lhe enviassem coisas como a foto de um vaso, ou das compoteiras de Julieta Augusta, para que ele pudesse continuar fazendo os poemas de Boitempo. (CANÇADO, 2006).

Enquanto isso, ainda no que toca à junção dos tempos no registro memorialista, na tese XIV, Benjamin fala sobre citar o passado no presente, sugerindo um outro movimento alegórico: “o salto do tigre”. O autor declara que esse salto é dialético, o tigre parte do presente, pula em direção ao passado, mas não salta para lá ficar. O animal, que é ágil e ao mesmo tempo meticuloso, volta, dessa vez num salto maior, em direção ao futuro. Nesse movimento, é proposto um diálogo entre os três tempos. Por isso, tanto o passado quanto o futuro estão constantemente contaminados pelo tempo presente. O historiador da escola de Benjamin precisa aprender a dar esse salto, a buscar os cacos da história e trazê-los ao presente, tentando ressignificá-los. Segundo Reyes Mate, estudioso

⁸ Era o chamado Sino Elias, mencionado no poema “Sino” que diz “O Sino Elias não soa/ por qualquer um/ mas quando soa, reboa/ como nenhum.” (ANDRADE, 2006, p.31).

das teses benjaminianas, o trabalho do historiador é “saber ver o realmente novo ou atual do passado” (MATE, 2011, p.299).

Ou seja, entre o movimento de esquecer e lembrar está, além de no ato de silenciar, no ofício de historiografar. Quando um escritor toma consciência dos vestígios e dá espaço em seus relatos para a memória de um povo que também pertenceu ao seu tempo, ele está, além de elaborando seus próprios traumas, ressentimentos e anseios, contribuindo com o materialismo histórico. Este é o notável caso de Drummond em sua escrita. Em sua seleção de memórias, fala de si ao mesmo tempo em que dá vez e voz aos excluídos.

Nessa mesma direção, a crítica argentina Beatriz Sarlo faz na obra *Os militares e a História* uma consideração muito válida sobre a escrita memorialista, que também serve para se pensar na escrita do poeta. Diz:

Escreve-se para esquecer, e o efeito da escritura é fazer com que os outros não esqueçam. Escreve-se para lembrar, e amanhã outros vão ler essa lembrança. Esquecimento e lembrança, essa oscilação permanentemente produzida por impulsos contrários: escrever para que se fique sabendo apagar marcas, sinais rastros, disfarçar o presente, a pessoa, os sentimentos (SARLO, 1997, p.26).

Dessa forma, Drummond elabora seu próprio trauma de *gauche* na vida e, além disso, ajuda a expor pelo viés literário traumas e dores alheias, que fazem parte de uma história da cultura brasileira, muitas vezes escondida por baixo dos tapetes patriarcais.

Das demandas do pretérito, falei aqui apenas de algumas. Sabe-se que a conjuntura de estudos sobre a memória compreende discussões diversas sobre a escrita do eu. O enfoque desta seção foi, no entanto, pensar sobre o esquecer como instrumento do lembrar e foi possível refletir sobre o modo como Drummond explorou essas ações no seu exercício de escrita em relação ao seu passado. Parte-se, agora, para o núcleo principal do trabalho, quando passo a analisar, em específico, um recorte das memórias do menino leitor.

3. CARLITO LEITOR: O INÍCIO DE UM CAMINHO.

A criança que lê é o objeto de uma transmutação. Um povo estranho tomou posse dela; ela sabe agora que contém uma população à qual os livros trazem as provas de uma existência real. (...) Ela é um território aberto para novas aventuras, para outras explorações. E ela se torna o conquistador dos livros que o conquistaram.

(Vincent Jouve)

As modificações técnicas do final do século XVIII, que se expandiram ao longo dos séculos seguintes, mudaram o rumo das relações culturais estabelecidas, sobretudo, entre Europa e Brasil. Tais transformações não circularam apenas em grandes centros. Elas alcançaram Itabira, por exemplo, interior de Minas Gerais, Brasil, mais precisamente na primeira década do século XX.

Foi pelo trem de ferro e depois no lombo de um burro de carga, que fino caixote chegou até as mãos de um menino, menino leitor, era Carlos Drummond de Andrade. No caixote estava a Biblioteca Internacional de Obras Célebres, com 24 volumes encadernados em percalina verde. O então leitor da revista Tico-Tico e das aventuras de Robinson Crusóé agora iria se aventurar por leituras mais desafiadoras e complexas. É precocemente que Drummond circula entusiasmado por textos de Defoe, Flaubert, Victor Hugo, entre outros clássicos da literatura internacional e brasileira. Esse interesse explica, de certa forma, seu primeiro emprego no jornal no Diário de Minas, em Belo Horizonte, como escriba, ainda na juventude; ou seu notável desempenho na área de Letras no colégio.

Apesar de toda sua perceptível desenvoltura no que dizia respeito à linguagem escrita, Drummond foi expulso por “insubordinação mental” no Colégio Anchieta, na cidade de Nova Friburgo, Rio de Janeiro. O aluno questionou um professor de Língua Portuguesa durante a aula e por isso foi mandado de volta para casa, como bem lembra no poema “Certificados Escolares”:

II

Em literário certame
após rigoroso exame
escrito, oral e o que mais,
de resultados cabais,

o nosso caro estudante
discreto, pouco falante,
conquistou em Português,
sem mas, porém ou talvez,
o ápice colegial
dos galões de general.

IV

Que resta fazer agora
no adiantado da hora
de nossa faina escolar
em forma complementar
com relação a este aluno
e que se torne oportuno
para melhor prepará-lo
qual adestrado cavalo,
da vida no paro duro?
Que seja expulso – no escuro.
(ANDRADE, 2006)

A ironia dos versos “Que resta fazer agora/ (...) para melhor prepará-lo/ qual adestrado cavalo,/ da vida no paro duro?”, em paradoxo com a estrofe anterior que fala da excelente posição do menino em Língua Portuguesa, se deve à grande contradição da Instituição Escolar que o laureou com “certamos literários” e no mesmo ano o expulsou. O “insucesso escolar”, porém, não anulou a trajetória do poeta que foi, inegavelmente, marcada por essa intervenção de leituras e leitores em sua infância e juventude.

Até meados do século XIX, segundo estudos de Villalta e Morais (2010) a posse de livros e bibliotecas privadas era privilégio da elite em Minas Gerais. Na família de Drummond, em Itabira, a situação não era diferente, mesmo no início do século XX. Filho de pai respeitado como “coronel” e avô “capitão”, o menino já tinha acesso aos periódicos e encomendas de livros que chegavam do Rio de Janeiro em sua casa. Em 1980, Drummond escreveu uma crônica, chamada “O mistério das palavras”, republicada pela Unesco, em 2009, em que conta como começou a ler e sobre as dificuldades da época:

Aí por volta de 1910 não havia rádio nem televisão, e o cinema chegava ao interior do Brasil uma vez por semana aos domingos. As notícias do mundo vinham pelo jornal, três dias depois de

publicadas no Rio de Janeiro. Se chovia a potes, a mala do correio aparecia ensopada, uns sete dias mais tarde. Não dava para ler o papel transformado em mingau. (ANDRADE, 2009, p.15)

No poema “Império Mineiro”, de Boitempo, o poeta ironiza e comenta sobre todo tipo de importação provinda do Rio diretamente para sua família em Itabira:

Vêm revistas e jornais
 os rondós parnasianos
 as orações magistras
 do senador Rei Barbosa
 vêm mulheres fulminantes
 em reluzentes postais
 com vestidos transparentes
 muito acima do soalho
 e do sonho dos meninos
 (...)
 Vem ‘de baixo’, vem do Rio
 toda a civilização
 destinada especialmente
 a nossa vila e parentes
 e nossa mor importância.
 Bem que o Rio é o nosso escravo.
 Somos senhores do mundo
 por via de importação.
 (ANDRADE, 2006, p.28)

Mediante as constatações sobre essa infância cercada de material para leitura, cabe dizer que, mesmo sabendo da relevância dessa formação do poeta, o cerne da questão não é, porém, somente quais obras clássicas foram lidas pelo menino, mas principalmente a forma como ele se posiciona diante delas, acomodando sua experiência literária à sua própria experiência enquanto indivíduo no mundo. Ademais, tornou-se interessante perceber que a circulação da “Biblioteca Internacional de Obras Célebres” e o contato com tantas referências europeias não fizeram de Drummond um leitor que enaltece a cultura do colonizador e despreza sua própria origem e cultura. Pelo contrário, seu posicionamento e formação, enquanto leitor e escritor, o faz direcionar olhar fixo a sua própria origem. Assim, pensando no que

disse Jouve na epígrafe deste terceiro capítulo, pode-se afirmar, desde já, que Drummond tornou-se território aberto para novas aventuras embaladas pelas suas leituras e transformou-se, surpreendentemente, em exemplar menino que soube conquistar os livros que a princípio o conquistaram. Nas páginas seguintes, acompanharemos a trajetória de leitura do menino recontada pelo poeta em seus versos de *Boitempo*.

3.1 O MUNDO VAI ACABAR E EU DESCUBRO A LETRA A: O MENINO E A DESCOBERTA DA LEITURA..

Era 1910, e o mundo anunciava a passagem do cometa Halley pela Terra. As expectativas eram variadas e a maior delas era a de que o mundo fosse acabar, gerando certa onda de pânico no globo. Enquanto isso, na política brasileira, Dom Pedro II viaja para Inglaterra e o Marechal Hermes Fonseca torna-se Presidente. No Rio de Janeiro, a Revolta da Chibata anuncia um motim de milhares de marinheiros que decidiram lutar contra seus superiores pelos castigos desumanos que vinham recebendo. Na música, Jorge Cadete gravava para a primeira casa de gravação de discos no Brasil, também na Capital. Em Belo Horizonte, um menino de oito anos, de Itabira, caminhava a pé para a aula do curso primário no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito⁹ e descobria a letra A:

DESCOBERTA

Cadete grava para a Casa Edison, Rio de Janeiro.
 O reizinho de Portugal retira-se para a Inglaterra.
 O cometa já não viaja para Oliveira Vale & Cia,
 agora ocupa o céu inteiro na noite de 19 de março.
 O ministro da Guerra vira Presidente,
 vasos de guerra bombardeiam a Capital,
 marinheiros degolam almirantes,
 o mundo vai acabar
 mas eu sigo a pé para a aula de Mestre Zeca e
 descobro a letra A,

[rainha das letras.

⁹ Informações retiradas da seção “Vida e Obra”, inserida ao final de *Boitempo*: menino antigo, na publicação de 2006, pela editora Record.

(ANDRADE, 2006, p.243)

Espalhados pelo primeiro volume de *Boitempo: menino antigo*, estão os vários indícios que não deixam dúvida sobre o interesse de Drummond pela leitura desde cedo. Sua curiosidade pelas letras, aliás, iniciou-se antes mesmo do período de alfabetização escolar, narrado em “Descoberta”.

Em diversos poemas, o menino observava, curioso, as palavras em variados gêneros textuais. Mesmo quando ainda não podia decifrar os códigos do dialeto, restava-lhe imaginar/observar qual seria a função dada ao objeto de interesse. Este leitor já estava interessado em decodificar o mundo, antes de ler as palavras. Na crônica mencionada anteriormente, “O mistério das palavras”, Drummond continua dizendo:

Papai era assinante da Gazeta de Notícias, e antes de aprender a ler eu me sentia fascinado pelas gravuras coloridas do suplemento de domingo. Tentava decifrar o mistério das letras em redor das figuras, e mamãe me ajudava nisso. Quando fui para a escola pública, já tinha a noção vaga de um universo de palavras que era preciso conquistar. (ANDRADE, 2009, p.15)

Ao encontro do testemunho do poeta, no texto “A importância do ato de ler”, de Paulo Freire, o educador dissemina a ideia, em se tratando do contexto de alfabetização, de que a leitura da palavra é, incomensuravelmente, facilitada quando adjunta à leitura do mundo¹⁰ ao redor do leitor em vias de aprender a decodificar as palavras e o alfabeto. Para isso, Freire diz:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que posterior à leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a

¹⁰ Este conceito de Paulo Freire tem sido muito discutido nos ambientes acadêmicos. Aqui, estou levando em consideração a “leitura do mundo”, especificamente, no que diz respeito ao contexto alfabetizador, posto que é sobre essa fase, de decodificação da palavra na vida de Drummond, que estou tratando.

percepção das relações entre o texto e o contexto.
(1989, p.09)

Freire menciona, em seu texto, sobre sua alfabetização na infância e de como a curiosidade de menino no quintal de casa e em meio à família fez com que ele aprendesse, primeiro, a ler o mundo e seus sinais e, depois, na escola, pudesse associar essa primeira leitura com a decodificação da palavra escrita. Relembra:

Aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os ‘textos’, as ‘palavras’, as ‘letras’ daquele contexto – em cuja percepção eu experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber – se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia aprendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais. (FREIRE, 1989, p.09)

Nesse sentido, correlacionando a crônica autobiográfica e o testemunho de Freire, pode-se dizer que esse tipo de leitura do mundo-palavra, em vias de alfabetização, é desenvolvido por Drummond na infância, pois ainda que não alfabetizado pela cartilha, o menino já tentava interpretar as funções das palavras dentro de seus respectivos contextos. No poema “Doutor Mágico”, fica certo rastro de encantamento ao descobrir a missão do livro que podia, nesse caso, substituir até a presença ilustre do médico nas casas da cidade:

DOUTOR MÁGICO

Dr. Pedro Luís Napoleão Chernoviz
Tem a maior clientela da cidade.
Não atende a domicílio
nem tem consultório.
Ninguém lhe vê a cara.
Misterioso doutor de capa preta
ou invisível,
esse que cura todas as moléstias
(de preferência as incuráveis)
socorre presto os afogados
asfixiados
assombrados de raio

sem desprezar defluxo, catapora,
 sapinho, paraniz, cobreiro,
 bicho-de-pé, andaço, carnegão
 e não cobra nada
 e não cobra nada,
 nem no fim do ano?
 É só abrir o livro, achar a página.
 (ANDRADE, 2006, p.51)

O livro exercia, pois, uma célebre função, a de doutor e, ainda por cima, não cobrava nada para isso, (note que o espanto é tamanho, que ele chega a repetir duas vezes o mesmo verso e ainda se questiona “nem no fim do ano?”), bastava abrir o livro e encontrar a página. O menino notava, não sem surpresa e com sua perspicácia, a importância que se podia ter nas palavras escritas e reunidas ali. A função da cura para todas as coisas estava em vez de nas mãos de um médico, nas páginas de um livro. Outro momento do menino a observar outro livro de representativa função social foi ilustrado no poema “Escritório”:

No escritório do Velho
 trona o dicionário livro único
 para o trato da vida.
 O mais é ciência do sangue
 soprada por avós tetravós milavós
 e
 percepção direta de mundominas.

O escritório do Velho é fazenda
 abstrata.
 Os papéis: terras cavahadas boiadas
 em escaninhos.

A mesa do Velho é tabernáculo da lei
 indevassável à curiosidade menina
 mas o poder de formão
 levanta-se o tampo
 abre-se a gaveta
 furtam-se pratas de dois mil-réis
 riqueza infinita de uma semana.
 (ANDRADE, 2006, p.104)

Em ambos poemas apresentados, “Doutor Mágico” e “Escritório”, o livro ocupa a posição de superioridade. Um cura todas as moléstias (“de preferência, as incuráveis”), o outro ocupa o trono do

escritório do Velho, o pai, autoridade máxima, onde se decidem as leis da casa e das fazendas, o resto é fazenda abstrata. Um terceiro livro disputa a soberania “literária” da casa e também ganha espaço na curiosidade do menino, é o livro de reza:

ASPIRAÇÃO

A folha de malva no livro de reza
 Perfuma o pensamento de Deus.
 O céu cheirando malva: santamente.
 A vida deve ter, a vida pura,
 esse cheiro de malva, e meus pecados
 até os meus pecados
 em malva se dissolvam, perfumosos.

O próprio inferno, por que não? Com esse cheiro...

E a malva, que me salva, me condena.

(ANDRADE, 2006, p.268)

Considerando a sequência cronológica da disposição dos poemas em Boitempo, aqui o menino já sabia ler e devia respeito ao livro que tinha o poder, nesse caso, de salvá-lo ou condená-lo. A malva perfuma o livro, símbolo do pensamento de Deus. “O céu cheirando malva. Santamente.” Aqui, o menino se depara com o sagrado em forma de livro e compreende que a ideia de salvação e condenação estão relacionadas a ele e a sua leitura. Logo, três poemas ilustrativos do interesse e percepção de Carlito, que já reparava desde cedo na importância daqueles três livros dentro de seu universo infantil: sua própria casa.

Por outro viés, essa curiosidade abarcava não só os livros e a maneira como os adultos lidavam com o objeto, mas também as palavras isoladamente e a forma como eram aplicadas no dia-a-dia nos discursos a sua volta. No poema “Bom Marido”, Drummond acrescenta seu tom humorado para contar da descoberta (um tanto inútil) de uma palavra:

O BOM MARIDO

Nunca vou esquecer a palavra ingrediente
 no plural.

À tarde, Arabela conversava
 com Teresa, na sala de visitas.

Passei perto, ouvi:
 - Custódio tem todos os ingredientes
 para ser um bom marido.
 - Quais são os ingredientes?
 a outra lhe pergunta.
 Arabela sorri, sem responder.
 Guardo a palavra com cuidado,
 corro ao dicionário:
 continua o mistério.
 (ANDRADE, 2006, p.115)

A consulta ao dicionário foi em vão, visto que o contexto da conversa entre Arabela e Teresa correspondia ao uso de uma metáfora – figura de linguagem ainda desconhecida para Carlito. No entanto, a pista principal que o poema nos deixa está nos últimos versos: “Guardo a palavra com cuidado/ corro ao dicionário:/ continua o mistério”. Drummond relembra duas coisas: o sentimento de zelo que o menino tinha pelas palavras e o enigma que esse universo codificado em letras representava para ele.

De fatos como esse pode ter nascido uma estreita relação com o dicionário e, sobretudo, com as palavras e seus mistérios. Essa relação que teve início na infância, como podem indicar esses poemas, atravessou toda a trajetória do poeta, que nunca deixou de atribuir uma certa aura ao dicionário. São poemas que exploram a metalinguagem, como “Procura da poesia”, “Palavra Mágica”, “Poema-Orelha”, entre outros que podem ser encontrados em Poesia Completa, em que Drummond faz questão de mencionar novamente a presença do dicionário como instrumento de sua escrita. Neles, o poeta parece se debruçar sobre o livro, hipnotizado, a observar sua complexidade como se ali houvesse uma passagem secreta que o transportasse para outro universo. Algo parecido com o que acontece no Reino de Nárnia, de C. S. Lewis, em que as personagens entram em um guarda-roupa e se transportam para um outro mundo. Ou, até mesmo, o buraco em que Alice cai até chegar ao País das Maravilhas, na história de Lewis Carroll. O que desejo dizer é que o dicionário funciona como uma passagem para um mundo fantástico das palavras e parece que é de lá que Drummond traz seus metapoemas. Em “A palavra mágica”, ele versa sobre sua contínua busca:

Certa palavra dorme na sombra
 de um livro raro.
 Como desencantá-la?

É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.
(ANDRADE, 2002, p.854)

O mistério, como se pode ver, não permanece contido e limitado à curiosidade infantil, ele se mantém em todas as fases dos versos drummondianos, como um legado do menino ao homem poeta. Além disso, ainda no que diz respeito a esse momento de curiosidade e descobertas da infância, nosso pequeno e atento observador, além de livros e palavras, também ficava alerta a outros gêneros textuais que circundavam sua rotina itabirana e lhe chamavam atenção. Nesse caso, por sinal, não só a dele, mas a da cidade toda:

TELEGRAMA

Emoção na cidade.
Chegou telegrama para Chico Brito.
Que notícia ruim,
que morte ou pesadelo
avança para Chico Brito no papel dobrado?

Nunca ninguém recebe telegrama
que não seja de má sorte. Para isso
foi inventado.

(...)
O estafeta bate à porta.
Aparece Chico, varado de sofrimento prévio.
Não lê imediatamente.
Carece de um copo d'água
e de uma cadeira.
Pálido, crava os olhos

nas letras mortais.

*Queira aceitar efusivos cumprimentos passagem
data natalícia espero
merecer valioso apoio distinto correligionário
minha reeleição deputado
federal quinto distrito cordial abraço. Atanógoras
Falcão.*
(ANDRADE, 2006, p.72 [grifo dele])

A função do telegrama estava clara: trazer más notícias, “para isso foi inventado”. Todos estavam preparados para o pior. Eis que as letras “mortais” pregam uma peça: eram as felicitações de fim de ano e pedido de voto para o remetente, deputado Atanógoras Falcão. O desfecho cômico e de alívio relembra a emoção trazida por um simples telegrama, texto que só poderia ser decodificado pela leitura. Desse modo, o uso da palavra escrita e seus diversos impactos, em variadas esferas, intrigavam Carlito desde cedo.

Mais tarde, já no colégio interno, em Friburgo, outro tipo de novidade despontava no interesse do menino, os livros proibidos:

LIVRARIA ALVES

Primeira livraria, Rua da Bahia.
A Carne de Jesus, por Almáquio Diniz
(não leiam! obra excomungada pela Igreja)
rutila no aquário da vitrina.
Terror visual na tarde de domingo.

Volto para o colégio. O título sacrílego
relampeja na consciência.
Livraria, lugar de danação,
lugar de descoberta.

Um dia, quando? Vou entrar naquela casa,
vou comprar
um livro mais terrível que o de Almáquio
e nele me perder – e me encontrar.
(ANDRADE, 2006, p.154)

Se no poema “Aspiração”, o objeto a ser observado era o símbolo do sagrado, em “Livraria Alves” o menino, já mais velho, fora daquele ambiente que antes compreendia praticamente apenas sua casa,

percebe outros tipos de leitura. Na contramão do livro de reza, “a obra excomungada pela igreja” simboliza o profano, livro proibido e, portanto, objeto também de desejo. Carlito, agora já por volta de seus 16 anos, questiona-se sobre o dia em que poderá comprar um livro até pior que este, e nele perder-se ou, quem sabe, encontrar-se. Dúvida compreensível vinda de um adolescente que vinha enfrentando, constantemente, o julgamento de ser bom e mau menino, conforme os padrões da escola regular. Maria Lúcia Milléo Martins observou essa tensão entre o pecado e o desejo em Drummond, tão indivisíveis, segundo ela, no quadro da infância: “Boitempo encena os conflitos em um tom severamente brincalhão. A revelação dos desejos secretos, sob o testemunho de reprovação (...), não oculta a delícia do ato transgressor, forma talvez irônica de desforra.” (MARTINS, 2006, p.66)

Esses poemas, que dizem respeito à curiosidade do menino por tudo aquilo que ainda não lia – ou por não saber, ou por não ter acesso –, retratam o momento em que o menino apenas circundava os textos pelos quais nutria interesse. A seguir, parto para a etapa do menino leitor mais autônomo, que seleciona, lê, opina e se envolve com as leituras e personagens das histórias. Uma outra fase na trajetória do menino se inicia.

3.2 LEITURAS! LEITURAS!: NAVIOS...SAIR (SOZINHO) PELO MUNDO.

O menino já não é mais mero observador atento, aprendeu a ler e a estabelecer diálogo com as leituras feitas, pode participar como leitor do processo de decodificação das palavras, na ciranda dos significados, significantes e signos. Como menciona no poema “Iniciação Literária”, que será discutido mais a frente, quando se grita “Leituras! Leituras!” é como gritar “Navios...sair pelo mundo”. O início de uma leitura marca, nessa analogia, o início de uma viagem solitária, cujo menino leitor já é capaz de estabelecer a própria direção, mesmo que não seja capaz de ter controle sobre as intempéries em alto mar.

Nesse sentido, a fim de entender melhor o caminho de leitura percorrido pelo autor, selecionei alguns poemas em Boitempo que mencionam sua experiência literária, para repensar sua relação com os livros que leu na infância. Assim, um dos primeiros vestígios de memória de leitura deixado nas poesias drummondianas veio bem antes da obra Boitempo. Já no poema “Infância”¹¹, o segundo do seu livro de

¹¹ Ao longo da pesquisa, o poema “Infância”, externo a obra *Boitempo*, ganhou relevância ímpar. Ele representa o ponto de partida principal nas memórias de

estreia, Alguma poesia, de 1930, Drummond cita Robinson Crusoe e compara sua história com a de Defoe:

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
 Minha mãe ficava sentada, cosendo.
 Meu irmão pequeno dormia.
 Eu sozinho menino entre mangueiras
 lia a história de Robinson Crusoe,
 comprida história que não acaba mais.

No meio dia branco de luz uma voz que aprendeu
 a ninar nos longes da senzala – e nunca se
 esqueceu
 chamava para o café.
 Café preto que nem a preta velha
 café gostoso
 café bom

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
 a ninar nos longes da senzala – e nunca se
 esqueceu
 chamava para o café.
 Café preto que nem a preta velha
 café gostoso
 café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
 olhando para mim:
 - Psiu... Não acorde o menino.
 Para o berço onde pousou um mosquito.
 E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
 no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
 era mais bonita que a de Robinson Crusoe.
 (ANDRADE, 2002, p.06)

Indiscutivelmente, a leitura apresenta-se como um elemento marcante nas memórias dos anos em que o menino viveu em Itabira. A

leitura, as quais analiso neste trabalho. Portanto, vale mencionar o quanto a análise dele representou para a pesquisa e para a busca nuclear: da trajetória-memória do menino leitor.

atmosfera do poema deixa claro o quanto aquele momento era agradável para o menino: a mãe por perto, Sá Maria, a querida mãe preta, preta velha, que lhe chamava para o café, o café gostoso, o solitário exercício do leitor humilde, que ainda não sabia que sua realidade era mais bonita que a da personagem da história. Vestígios que simbolizam coisas caras ao menino, sendo um deles a preferência pelo isolamento e solidão como momento de conforto e prazer, como também apontam Vieira (1992), Moraes (1970), Sant’Anna (1977) e Martins (2006).

Frente a essa constatação indubitável, pode-se dizer que esse gostar de estar sozinho explica, em parte, por que Drummond tanto se identificou com Robinson Crusóé, visto que a personagem escolheu em sua trajetória, por diversas vezes, seguir, igualmente, viagem solitária. Essa identificação com as experiências da personagem podem explicar também o fato de, entre tantas leituras feitas, esta ser uma das mais citadas em sua trajetória de leitor e escritor. Marisa Lajolo, no artigo “Carlos Drummond de Andrade: uma história exemplar de leitura”, também aborda essa temática e relembra uma crônica de Drummond chamada “Vinte livros na ilha”, em que Robinson Crusóé é mencionado novamente pelo poeta. Ou seja, mesmo considerando previsíveis desvios ficcionais em meio à autobiografia em versos de Boitempo, como a própria Lajolo alerta, é fátual que o menino leu a obra de Daniel Defoe. A princípio, tratava-se, ao que tudo indica, da leitura de uma versão adaptada para a revista Tico-Tico, como veremos adiante citado nos poemas. Mas no decorrer de sua trajetória de leitor, ao considerar que esta foi uma referência mencionada por Drummond mais de uma vez, supõe-se que ele também tenha lido a obra original, anos mais tarde.

Pensando nessa significativa e, por que não dizer, fundacional experiência, interessa compreender os motivos que levam uma obra a fazer mais sentido que outra na trajetória de um leitor. Sei que não posso compreender por completo a experiência individual pela qual passou o poeta, posto que se trata de um processo igualmente solitário e absolutamente singular, porém, naquilo que tange às interações entre o texto e o leitor, pode-se pensar em alguns conceitos auxiliares para o entendimento dessa trajetória que observo aqui. Para Roland Barthes (apud JOUVE, 2002, p.128):

Às vezes o prazer do Texto cumpre-se de forma mais profunda (e é nesse momento que se pode dizer realmente que há Texto): quando o texto ‘literário’ (o livro) transmigra para nossa vida, quando uma outra escrita (a escrita do Outro)

consegue escrever fragmentos de nossa própria
cotidianidade, enfim, quando se produz uma
coexistência.

Nessa perspectiva que a leitura de Defoe pode ter se destacado na memória de Drummond, por ter havido uma transmigração entre a experiência solitária na ilha e a solidão do leitor. Regina Zilberman, em *A Literatura infantil na escola*, corrobora com essa ideia quando diz:

Ela [a literatura] sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor. (ZILBERMAN, 2003, p.25)

Esse movimento dialógico, entre a realidade do leitor e aquilo que lê, auxilia-o no processo de alteridade. Desse modo, “da coincidência entre o mundo representado no texto e o contexto do qual participa seu destinatário emerge a relação entre a obra e o leitor.” (ZILBERMAN, 2003, p.27). A autora complementa, ainda:

Supondo esse processo um intercâmbio cognitivo entre o texto e o leitor, verifica-se que está implicado aí o fenômeno de leitura enquanto tal. Esta não representa a absorção de uma certa mensagem, mas antes uma convivência particular com o mundo criado pelo imaginário. (ZILBERMAN, 2003, P. 28)

Nesse mesmo diálogo, no livro *A leitura*, Jouve colabora para a questão dizendo: “O que a leitura permite, portanto, é a descoberta de sua alteridade. O ‘outro’ do texto, seja do narrador seja de uma personagem, sempre nos manda de volta, por refração, uma imagem de nós mesmos.” (JOUVE, 2002, p.132) No caso de Drummond, esse outro, ao que tudo indica, diz respeito ao jovem Crusoe que, no enredo de Defoe, quando saiu de casa, partiu sem consentimento e compreensão

da família e foi viver a experiência solitária de um viajante. Enquanto isso, o menino sozinho entre mangueiras partia, igualmente, para uma outra viagem em direção a uma ilha: seria essa a “ilha-da-leitura”, como veremos logo adiante?

Esse contexto pode ter servido, portanto, de enredo coexistente à vida do pequeno gauche, que se sentia, em sua própria terra, tão solitário quanto um viajante como Robinson. Se Drummond não viajou concretamente pelo alto mar e saiu de casa contra a vontade da família, seu sentimento de viajante solitário e incompreendido era comum ao personagem. Desse modo, “é de fato a ‘significação’ da obra – definida como a passagem do texto para a realidade – que faz da leitura uma experiência concreta.” (JOUVE, 2002, p.129) Assim, quando Drummond menino lê Defoe e consegue, a partir disso, comparar sua realidade com a do enredo, nasce daí uma experiência de leitura concreta que explica satisfatoriamente a permanência do significado da obra nas memórias de infância do autor e em outros de seus textos.

Maria Lúcia Milléo Martins também faz uma análise do poema “Infância” – usando como base a interpretação de Silviano Santiago – que muito me ajudou a entendê-lo melhor:

À margem dos familiares imersos em suas rotinas, o menino faz do isolar-se um prazeroso insular-se no mundo imaginário da leitura, vivendo as aventuras de Robinson Crusóé. Como observa Silviano Santiago, os primeiros passos do poeta na ilha são ‘passeios na ilha-da-leitura’. (MARTINS, 2006, p. 30)

Desse modo, enquanto, de um lado, Crusóé viajava, tendo experiências no mar e indo parar numa ilha, Drummond viajava por leituras que o levavam a parar em outra ilha: a da leitura e, mais tarde, escritura. Assunto que trato no próximo capítulo, quando foco no momento de escrita do autor. Por enquanto, o que interessa dizer é que o menino leitor se reconheceu naquilo que lia. Martins, através de Santiago, ajuda nessa compreensão:

Assim, a experiência vicária do livro funciona como uma espécie de espelho através do qual o menino descobre sua própria identidade. Santiago descreve esse processo como ‘uma superposição sutil de escritura e de leitura, de opacidade e reflexo, de desejo e satisfação, de atividade e

devaneio’ concluindo que ‘cada um de nós faz de sua leitura seu texto e se insere na margem como contexto’. (MARTINS, 2006, p.31)

Esse sentimento do prazer pela leitura aliado a exemplar e florida solidão, reflexo da viagem solitária da personagem na história de aventura, é possivelmente encontrado em outros textos. No poema “Fim”, essa percepção fica mais explícita, embora aqui, diferentemente do poema “Infância”, exista um lamento pelo fim da história, o que aponta um outro tipo de solidão, dessa vez não tão prazerosa:

FIM

Por que dar fim a história?
Quando Robinson Crusóe deixou a ilha,
que tristeza para o leitor do Tico-Tico.

Era sublime viver para sempre com ele e com
Sexta-Feira,
na exemplar, na florida solidão,
sem nenhum dos dois saber que eu estava aqui.

Largaram-me entre marinheiros-colonos,
sozinho na ilha povoada,
mais sozinho que Robinson, com lágrimas
desbotando a cor das gravuras do Tico-Tico.
(ANDRADE, 2006, p.247)

No poema “Fim”, a solidão fica, no entanto, exposta por dois vieses. O primeiro, quando diz que “Era sublime viver para sempre (...) na exemplar, na florida solidão”; por esse prisma, a solidão a qual se refere é a da ilha-leitura, do isolamento necessário ao viajante que se afasta de sua “zona de conforto” para uma ilha deserta e imaginária. Segundo Emanuel Moraes (1970, p.9): “Em Drummond, a ilha é a obsessão do ser que ama – realmente ama – a solidão e nela se completa. A ilha, pela sua natureza geográfica libertadora, é a configuração da sua intrínseca solidão.” Affonso Romano de Sant’Anna (1977, p.42) complementa: “A ilha passa a ser o lugar ideal, e o continente a dura realidade. O poeta entrega-se ao conhecimento de ambos.” Esse primeiro viés demonstra, portanto, a solidão florida, do poema “Infância”.

Depois, nos versos “Largaram-me entre marinheiros-colonos, / sozinho na ilha povoada, / mais sozinho que Robinson Crusóe”, outra

solidão é colocada em pauta, a solidão decretada pelo fim da leitura, a obrigação de viver sozinho em uma ilha povoada. Ou seja, mesmo em meio à família, continua sozinho, tendo que conviver com a ausência de figuras importantes “Meu pai montava a cavalo, (...) Minha mãe ficava sentada cosendo. Meu irmão pequeno dormia.”

Não se tratava, necessariamente, de uma ausência física. Moraes (1970, p.8) enfatiza essa visão: “Em sua infância, todos quantos lhe deveriam prestar a ajuda da simples presença, mantinham-se ausentes.” Aqui, a solidão ao qual foi condenado representa a tristeza do leitor, agora muito mais sozinho que a própria personagem, mesmo em ilha povoada, pois aqueles que estão ao seu redor negam-lhe companhia. Em outro poema, “Aulas de Francês”, já nos tempos do internato, Drummond faz menção, novamente, à solidão da leitura. Nesse caso, ele observa o professor de Francês, que se entrega ao livro, durante as aulas:

AULAS DE FRANCÊS

Cette Hélène qui trouble et l'Europe et l'Asie,
mas o professor é distraído,
não vê que a classe inteira se aliena
das severas belezas de Racine.
Cochicham, trocam bilhetes e risadas.
Este desenha a eterna moça nua
que em algum país existe, e nunca viu.
Outro some debaixo da carteira.
Os bárbaros. Será que vale a pena
ofertar sublime a estes selvagens?

O professor Arduíno Bolívar
fecha a cara, abre o livro.
Ele não os despreza. Ama-os até.
Podem fazer o que quiserem.
Ele navega só, em mar antigo,
a doce navegação de estar sozinho.
Tine a campainha.
Acabou a viagem, no fragor
de carteiras e pés.
O professor regressa ao rígido
sistema métrico decimal das ruas de Belo
Horizonte.
(ANDRADE, 2006, p.142 [grifo meu])

Enquanto os alunos bagunçam como selvagens alienados à literatura francesa, durante a aula, o professor fecha a cara para os alunos e abre o livro. Nesse abrir de páginas é que se inicia a “doce navegação de estar sozinho”. A partir daí, os alunos podem fazer o que quiserem e a navegação só se encerra quando toca a campainha indicando o término da aula. Aviso acompanhado pelo barulho e agitação de carteiras e pés. Acaba a viagem. Assim, mais uma vez desponta no poema drummondiano a navegação rumo à ilha-leitura, privilégio não só do menino enquanto leitor-viajante, mas, como bem nota, dos leitores ao seu redor, também.

Essa relação de Drummond com a ilha de Defoe atravessou sua trajetória de poeta e escritor, o que não deixa dúvidas sobre o processo concreto de leitura e alteridade que se realizou a partir dessa experiência infantil. Muitas outras referências de leitura podem ser encontradas, tanto em Boitempo quanto em outras de suas obras, quando menciona e dialoga com outros autores lidos. Todavia, nenhuma outra referência foi tão citada e usada como metáfora, repetidas vezes, nos poemas de Boitempo e nas produções do poeta, como as aventuras de *Crusoe*¹². Até mesmo na revista Tico-Tico, outras histórias foram veiculadas e lidas pelo pequeno, mas nem por isso causaram o mesmo tipo de identificação no leitor. Na próxima seção, veremos como funcionava a entrega e circulação desse periódico que marcou não somente a história do menino leitor, mas a história da literatura infantil no Brasil.

3.3 SOMOS LEITORES DO TICO-TICO: SOMOS IMPORTANTES!

A partir do século XVIII, a literatura infantil despontou como necessidade pedagógica em virtude da valorização da infância e da necessidade de educá-la, visto que ocorre nessa mesma época a centralização da sociedade em torno da família burguesa. Esse processo não provém apenas da ascensão do capitalismo e da industrialização, e sim de uma demanda por atender também, por meio da literatura, um novo público: o infantil. (ZILBERMAN, 2003).

Fruto e reflexo posterior desse contexto, a revista Tico-Tico veio a circular pelo território brasileiro de 1906 a 1961, e foi a primeira revista voltada para o público infantil no Brasil. O alcance do periódico foi surpreendente para a época e chegou a tiragens de 100.000

¹² Em 1952 Drummond publicou *Passeios na ilha*, cujo texto de abertura se intitulava “Divagações sobre a ilha”.

exemplares por semana. Apesar da influência francesa no tocante ao design gráfico, a revista mantinha traços de identidade nacional em seu conteúdo. Nela, circulavam passatempos, mapas educativos, literatura juvenil e informações sobre diversas disciplinas do currículo escolar, incluindo civismo. Segundo informações da Hemeroteca Digital Brasileira, fotografias e desenhos dos leitores, enigmas e concursos também eram publicados. Pela primeira vez, histórias em quadrinhos e adaptações de clássicos de aventura foram publicadas com vistas à leitura do público infantil brasileiro.

As aventuras de Robinson Crusóe foi uma delas. Publicadas com ilustrações coloridas de forma segmentada, em capítulos, as aventuras vinham impressas na revista que Carlito recebia regularmente, já que era assinante. Motivo, por sinal, de glória entre amigos, como ilustra no poema “Assinantes”, que mostrarei mais a frente. Com a ajuda atenciosa de alguns funcionários da Biblioteca da Universidade de São Paulo e com entusiasmo parecido ao de descobrir a letra A, tive acesso aos exemplares da revista que, hoje, se encontram digitalizados e disponíveis na rede. As imagens abaixo mostram a publicação do primeiro e do último capítulo.

Figura 3: O início da história de Defoe publicada na revista Tico-Tico.

Aventuras de Robinson Crusóe

ROMANCE DE DANIEL DE FOE

CAPÍTULO I

Sonho de aventureiro — Conselho paterno — Fuga de casa — Tentação — A primeira viagem.



Um sonho de um pai

A recordação mais lúgubre, que minha memória guarda e de que não posso esquecer, foi a que me passou pela cabeça, em uma noite de sono, há mais de trinta e cinco annos. Eu estava a sonhar, e me parecia estar em um sonho de aventura, e me parecia estar em um sonho de aventura, e me parecia estar em um sonho de aventura...



Robinson pela primeira vez a bordo de um navio

Robinson estava radiante. Eu já não sabia, alienci firm e devendo uma longa noite sonhar comigo. Uma vergonha de me mostrar medroso. Era grato ao meu novo destino a ventura de ser visto a bordo. Agora tinha-me visto a bordo de um navio de guerra, e me parecia estar em um sonho de aventura, e me parecia estar em um sonho de aventura...

... e me parecia estar em um sonho de aventura, e me parecia estar em um sonho de aventura...

... e me parecia estar em um sonho de aventura, e me parecia estar em um sonho de aventura...



Robinson pela primeira vez a bordo de um navio

Robinson estava radiante. Eu já não sabia, alienci firm e devendo uma longa noite sonhar comigo. Uma vergonha de me mostrar medroso. Era grato ao meu novo destino a ventura de ser visto a bordo. Agora tinha-me visto a bordo de um navio de guerra, e me parecia estar em um sonho de aventura, e me parecia estar em um sonho de aventura...

19) A partir dessas provocativas perguntas, Lajolo sugere que nos versos do poema “Fim” é possível perceber “marcas de uma história individual de leitura que, não obstante pessoal, se cruza com a história de leitura da sociedade na qual vivia essa criança leitora.” Drummond é testemunha do início da circulação de um periódico direcionado aos infantes, pela primeira vez. Sua poesia, conseqüentemente, traz consigo essa carga de registro histórico. Lajolo, em sua conclusão sobre a história exemplar de leitura do poeta, supre minhas expectativas de interpretação sobre o poema “Fim” no que diz respeito a esse registro:

É pelas páginas dessa revista que retornamos ao poema “Fim”, e, por meio dele, à história da leitura no Brasil. O poema pode registrar não apenas o raro flagrante de complexa relação entre um texto e seu leitor, que é como vimos lendo até aqui, mas simultaneamente ilustrar um certo modo de circulação de textos literários muito importante para a iniciação à leitura. (LAJOLO, 2004, p.19)

Vê-se, então, no poema, a evidência de uma história de leitura individual, pautada pela reação de Drummond quando a história acaba e, concomitantemente, uma história de leitura coletiva, visto que essa mesma leitura estava sendo feito por milhares de crianças brasileiras, espalhadas em território nacional em processo de formação enquanto leitores, considerando a grande tiragem da revista.

Em Boitempo: menino antigo, logo em seguida ao poema “Fim”, vem o poema “Assinantes” que demonstra a disputa de Carlito com o amigo Luís Camilo pelo domínio da leitura do periódico. Provavelmente, as revistas circulavam como empréstimo entre as crianças da rua, mas eles, como assinantes, possuíam um status incomparável aos demais leitores:

ASSINANTES

Somos leitores do Tico-Tico.
Somos importantes, eu e Luís Camilo.
Cada um em sua rua.
Cada um com sua revista.
O que um sabe, o outro sabe.
Ninguém sabe mais do que sabemos.
É nossa propriedade Zé Macaco.
Jagunço vai latindo a nosso lado
e Kaximbown nos leva

convidados especiais ao Pólo Norte.
 Nossa importância dura até dezembro.
 Temos assinaturas anuais.
 (ANDRADE, 2006, p.248)

Zé Macaco, Jagunço e Kaximbown eram personagens das tirinhas de Tico-Tico que, no humor de Drummond, passaram a ser propriedade dos meninos. Em dezembro, acabava o reinado, pois era preciso esperar pela renovação da assinatura para continuar recebendo: “Nossa importância dura até dezembro.” Essa importância, sem dúvida, decorria do privilégio das famílias que podiam receber revistas por assinatura. Nesse caso, faz-se necessário destacar que a formação de Drummond enquanto leitor não se tratou apenas de um mérito pessoal. Por detrás de sua desenvoltura e interesse, houve uma “logística” proporcionada por uma família burguesa que pôde lhe dar o suporte necessário para todos seus desejos literários. “Vivia-se, pois, um período onde o proprietário de terras era o homem de importância, cujo tratamento exigia respeito e a quem era legado, face à política do coronelismo, o título de coronel.” (VIEIRA, 1992, p.81). Muitos outros meninos leitores poderiam se formar em Itabira, não fosse as precárias condições culturais que ainda, em grande medida, se perpetuam em nossa história moderna.

O poema “Biblioteca Verde”, um dos meus preferidos, decisivo para a realização deste estudo, confirma essa ideia e relata o momento em que o menino convence o pai a lhe comprar a coleção de Obras Célebres, importada do Rio de Janeiro. Ele se deleita desde o momento em que o pai consente que seja feita a compra pedida até quando, chegada a encomenda, sente o cheiro do livro novo e, finalmente, lê, tropeça, lê e cavalga nas filosofias lá encontradas.

BIBLIOTECA VERDE

Papai, me compra a Biblioteca Internacional de
 Obras Célebres.

São só 24 volumes encadernados
 em percalina verde.

Meu filho, é livro demais para uma criança.

Compra assim mesmo, pai, eu cresço logo.

Quando crescer eu compro. Agora não.

Papai, me compra agora. É em percalina verde,
 só 24 volumes. Compra, compra, compra.

Fica quieto, menino, eu vou comprar.

Rio de Janeiro? Aqui é o Coronel.
 Me mande urgente sua Biblioteca
 bem acondicionada, não quero defeito.
 Se vier com arranhão recuso, já sabe:
 quero devolução de meu dinheiro.
 Está bem, Coronel, ordens são ordens.
 Segue a Biblioteca pelo trem-de-ferro,
 fino caixote de alumínio e pinho.
 Termina o ramal, o burro de carga
 vai levando tamanho universo.

Chega cheirando a papel novo, mata
 de pinheiros toda verde. Sou
 o mais rico menino destas redondezas.
 (Orgulho, não; inveja de mim mesmo.)
 Ninguém mais aqui possui a coleção
 das Obras Célebres. Tenho de ler tudo.
 Antes de ler, que bom passar a mão
 no som da percalina, esse cristal
 de fluida transparência: verde, verde.
 Amanhã começo a ler. Agora não.

Agora quero ver figuras. Todas.
 Templo de Tebas. Osíris, Medusa,
 Apolo nu, Vênus nua... Nossa
 Senhora, tem disso nos livros?
 Depressa, as letras. Careço ler tudo.
 A mãe se queixa: Não dorme este menino.
 O irmão reclama: Apaga a luz, cretino!
 Espermacete cai na cama, queima
 a perna, o sono. Olha que eu tomo e rasgo
 essa Biblioteca antes que pegue fogo
 na casa. Vai dormir, menino, antes que eu perca
 a paciência e te dê uma sova. Dorme,
 filhinho meu, tão doido, tão fraquinho.

Mas leio, leio. Em filosofias
 tropeço e caio, cavalgo de novo
 meu verde livro, em cavalarias
 me perco, medievo; em contos, poemas

me vejo viver. Como te devoro,
 verde pastagem. Ou antes carruagem
 de fugir de mim e me trazer de volta
 à casa a qualquer hora num fechar

de páginas?

Tudo que sei é ela que me ensina
 O que saberei, o que não saberei
 nunca,
 está na Biblioteca em verde murmúrio
 de flauta-percalina eternamente.
 (ANDRADE, 2006, p.250)

O interesse do menino pelas leituras chega a preocupar a família –“Meu filho, é livro de mais para uma criança./ A mãe se queixa: Não dorme este menino./ (...) Dorme,/filhinho meu, tão doido, tão fraquinho.”. Esse deslumbre pelo livro apresentado em todos os versos do poema “Biblioteca Verde” faz lembrar o conto Felicidade Clandestina de Clarice Lispector, em que a menina, personagem principal, depois que consegue, finalmente, o livro que desejava emprestado, chega a escondê-lo de si mesma, só para depois achá-lo e sentir-se feliz por tê-lo ao seu alcance. Tudo isso antes mesmo da leitura decodificada. Um ritual, que somente quem compreende o gosto por ler é capaz de entender. Carlito pensa: “Sou o mais rico menino das redondezas”, e chega até a sentir inveja de si mesmo por possuir algo tão valioso. Passa então a recorrer a alguns sentidos para representar esse deleite: “Chega cheirando a papel novo, mata/ de pinheiros toda verde./ Como te devoro/ verde pastagem.”. Segundo Vieira (1992), é por meio da metáfora dos sentidos que Drummond recupera o passado. Nesse caso, pelo olfato e visão, relembra a chegada da coleção em sua casa. Ainda no que tange a esse encantamento do menino pelo livro, cabe referir Jouve:

Os textos mais enriquecedores são aqueles que, ao confrontarem o leitor com a diferença, permitem-lhe se descobrir outro. (...) É possível que a leitura – não exatamente a leitura, mas a cerimônia da leitura que a criança celebra com tanto gosto – seja um rito de introdução à intimidade. Ela é, ao mesmo tempo, seu meio, sua paródia, seu exercício real embora difícil. (JOUVE, 2002, p.139-140)

Novamente, a questão da alteridade, curiosidade pelo outro, a despontar como elemento para se entender o desejo e a pressa do menino: “Tenho de ler tudo. Careço ler tudo.” Essa expectativa pela

leitura a ser feita remete ao conceito de horizonte de expectativas, criado por Hans Robert Jauss. Para ele, toda obra, quando surge para o leitor, já está inserida em determinado contexto, o que gera expectativas por parte do leitor que podem, ou não, serem superadas pelo texto.

A obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a “meio e fim”, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então – e não antes disso –, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores. (JAUSS, 1994, p. 28)

Esse horizonte de expectativas começa a ser formulado em Drummond desde o momento em que pede ao pai a coleção de obras célebres. Depois, com as obras já em mãos, as expectativas do menino leitor continuam sendo alimentadas pelas figuras, cheiros e cores do livro, prestes a ser devorado:

Antes de ler, que bom passar a mão
no som da percalina, esse cristal
de fluida transparência: verde, verde.
Amanhã começo a ler. Agora não.

Agora quero ver figuras. Todas.
Templo de Tebas. Osíris, Medusa,
Apolo nu, Vênus nua... Nossa
Senhora, tem disso nos livros?
Depressa, as letras.

Antes de receber as letras, o menino cria expectativas, observando figuras, folheando e analisando previamente o conteúdo que lhe espera. Nesse contexto, em que discutimos o horizonte de expectativa do leitor, Jauss esclarece, ainda:

A função social da literatura só se faz manifesta
na sua genuína possibilidade ali onde a

experiência literária do leitor entra no horizonte de expectativas da prática de sua vida, pré-forma sua compreensão de mundo e com isso repercute também em suas formas de comportamento social. (JAUSS apud ZILBERMAN, 2003, p.70)

Dito de outro modo, a função da literatura se concretiza quando o horizonte de expectativa do leitor se encontra com sua experiência de leitura, de modo a gerar um novo sentido na vida desse sujeito, ou, até mesmo, um novo comportamento em seu cotidiano.

Conforme a afirmação de seu biógrafo José Maria Cançado:

A entrada do leitor no ‘tamanho universo’ da Biblioteca Internacional ainda hoje tem, de cara, um efeito alucinatório, paralisante, de submissão ao mundo duro, severo, impessoal, próprio da chamada ‘literatura sapiencial’ que abre a coleção: logo no primeiro volume, ele depara com os apólogos hindus sobre o deus Varuna, um monstro de onisciência, afeito ‘a pegar no universo como os jogadores pegam nos dados. (...) Entre a nobre literatura sapiencial dos apólogos hindus e, no outro extremo, o irresistível cinema falado, ou escrito de Flaubert, proliferava uma infinidade de outras leitura – trechos bem de confessorário para adolescentes, tirados das próprias Confissões do também adolescente Santo Agostinho, a passagem autenticamente feminista de Nora, em Casa de Bonecas, de Ibsen, o abismo do adultério em Ana Karênina; o elixir poético e político da juventude próprio dos poemas de Victor Hugo. (...) Além dos brasileiros Euclides da Cunha, Cláudio Manuel da Costa, Bilac, etc. (CANÇADO, 2006, p.50)

Segundo Cançado, o poeta nunca chegou a mencionar a importância específica dessa montanha de livros na sua vida. No entanto, é possível imaginar o impacto dessas obras na formação crítica desse leitor itabirano, que logo começou a formar opinião sobre aquilo que lia. É o que podemos ver no poema “Iniciação Literária”, quando além de mencionar sua autonomia de leitor, pronto a sair pelo mundo, questiona a leitura obrigatória imposta pela escola:

INICIAÇÃO LITERÁRIA

Leituras! Leituras!
 Como quem diz: Navios...Sair pelo mundo
 voando na capa vermelha de Júlio Verne.

Mas por que me deram para livro escolar
 a Cultura dos Campos de Assis Brasil?
 O mundo é só fosfatos – lotes de 25 hectares
 – soja – fumo – alfafa – batata doce – mandioca –
 pastos de cria – pastos de engorda.

Se algum dia eu for rei, baixarei um decreto
 Condenando este Assis a ler a sua obra.
 (ANDRADE, 2006, p.246)

O acervo digital da revista Tico-Tico não apresenta nenhum registro de publicação de alguma história de Julio Verne. Nesse caso, ao que tudo indica, o poeta estava se referindo a um livro, de fato, e não à versão adaptada e ilustrada do periódico, como foi o caso das aventuras de Crusoé. Até mesmo porque, na sequência, ele faz a comparação com o livro escolar, dando a entender que entre um livro e outro, preferia o de Júlio Verne. O questionamento crítico vem na segunda estrofe: “Mas porque me deram para livro escolar a Cultura dos Campos de Assis Brasil? O mundo é só fosfatos – lotes (...)”. Ao fazer uma lista do conteúdo do livro de Assis Brasil, Drummond define o mundo como todos esses elementos presentes no livro. Essa definição deixa outra pista de como o menino lidava com as leituras. Em seu isolamento na ilha-leitura, como falamos anteriormente, tudo aquilo que existe dentro de um livro torna-se o universo daquele momento.

Notavelmente, o universo da cultura dos campos não envolveu o menino, o que recaiu como uma condenação, digna de vingança, por sinal: “Se algum dia eu for rei, baixarei um decreto/ Condenando este Assis a ler a sua obra.” Nesse e em outros poemas, o menino questiona as regras da escola. No caso do poema “Iniciação Literária”, Carlito não entende como algo tão prazeroso, como as histórias de Júlio Verne, pode se transformar no mundo tedioso de Assis Brasil. Sua única solução, infante incapaz de questionar realmente seus professores, é imaginar a dura condenação do próprio autor a ler sua obra, caso um dia o menino fosse rei e, assim, pudesse falar e ser ouvido/obedecido.

Essa reação de Drummond pode ser compreendida como uma resposta ao estímulo das leituras com as quais se envolveu no início dessa jornada literária. Com base no que dizia Jauss anteriormente,

pode-se pensar que as leituras que o menino fez começaram a repercutir no comportamento social dele, mesmo que, a princípio, somente em pensamento reflexivo sobre as pessoas e as coisas ao seu redor. No próximo capítulo, observo essa mudança de comportamento, dando atenção também na relação de Drummond com os outros leitores a sua volta e no seu desejo de escrita.

4. DRUMMOND ESCRITOR: O MENINO QUER SOLTAR A COISA OCULTA NO PEITO.

O menino ambicioso
 não de poder ou glória
 mas de soltar a coisa
 oculta no seu peito
 escreve no caderno
 e vagamente conta
 à maneira de sonho
 sem sentido nem forma
 aquilo que não sabe.

Ficou na folha a mancha
 do tinteiro entornado,
 mas tão esmaecida
 que nem mancha o papel.
 Quem decifra por baixo
 a letra do menino,
 agora que o homem sabe
 dizer o que não mais
 se oculta no seu peito?

“Primeiro conto”,
 Carlos Drummond de Andrade)

O mesmo menino que, antes, comemorava a descoberta da letra A, agora descobre em si um novo desejo: o de expressar em escrita aquilo que está preso no peito. O poema “Primeiro conto” é, na minha seleção, o mais representativo desse despertar do escritor quando ainda menino. Não se tratava de buscar o estrelato, como bem diz nos primeiros versos, mas, sim, de escrever para soltar/aliviar aquilo que nem ele mesmo sabia ainda definir. Esse poema traz de forma exata, além dessa marca inicial da construção da identidade do escritor, aquela perspectiva discutida no início deste estudo, do espelho retrovisor. Eis o olhar do menino antigo em duas estrofes. Na primeira, quem predomina é o menino, que escreve o sonho no caderno, sem sentido, nem forma. Na segunda, já se pode perceber a voz do poeta maduro, que olha para o passado e procura detectar a letra do menino mesclada à letra do homem escritor:

Quem decifra por baixo

a letra do menino,
 agora que o homem sabe
 dizer o que não mais
 se oculta no seu peito?
 (ANDRADE, 2006, p.)

A junção do passado e presente, como dito antes, no capítulo II, à luz das ideias de Walter Benjamin, faz-se notória nesse poema: na figura do menino (passado), ensaiando seus primeiros escritos, e na do homem (presente), procurando os vestígios do menino em sua escrita, agora que já sabe soltar o que vai preso no peito. Esse posicionamento do poeta, em relação ao tempo, se dá de modo parecido, e explicitamente, em um poema de Drummond do livro *Sentimento do mundo*, e que podemos pensar em nosso contexto de análise como que estabelecendo um diálogo com a noção do materialista histórico:

MÃOS DADAS

Não serei o poeta de um mundo caduco.
 Também não cantarei o mundo futuro.
 Estou preso à vida e olho meus companheiros
 Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
 Entre eles, considere a enorme realidade.
 O presente é tão grande, não nos afastemos.
 Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
 (...)
 O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os
 homens presentes,
 a vida presente.
 (ANDRADE, 1983, p.132)

O modo como o poeta se coloca em “Primeiro conto” – e eu poderia arriscar dizer que ele faz isso em todos os poemas de *Boitempo* – representa um andar de mãos dadas com o menino para contar sua história. Nesse contexto, o poema “Mãos dadas” seria um belo prólogo de *Boitempo*, pois assim se define, a meu ver, sua perspectiva, enquanto escritor: o poeta Drummond andando de mãos dadas com o menino, dando atenção aos companheiros do caminho sem se afastar do tão grande tempo presente.

No caso do poema trazido na epígrafe desta seção, o movimento em foco é o do menino, ambicioso pela escrita, de mãos dadas com o escritor poeta, já mais velho. Tendo em mente essa interpretação dos

dois poemas acima, as próximas seções tratam de pensar no menino em contato com os outros leitores e já se ocupando desse desejo da escrita, com olhar mais crítico e questionador para a sociedade ao seu redor. Os poemas selecionados para ilustrar essa nova fase foram encontrados, em sua maioria, no segundo volume – Boitempo: esquecer para lembrar – que retrata a fase juvenil de Drummond, em Belo Horizonte, desde a escola até seu primeiro emprego no jornal Diário de Minas e suas primeiras experiências como escritor.

4.1 O MENINO E SEU INVEJOSO RESPEITO PELO POETA.

Depois de acompanharmos as memórias do menino como leitor, é hora de olhar para sua outra trajetória, que passou a envolver não apenas o exercício da leitura, mas também o da escritura. O Carlito ambicioso se interessa, agora, em ir além do ler; sua nova ambição compreende o escrever. Se, antes, a curiosidade circundava os espaços de leitura, nesse novo contexto o menino curioso observa os escritores. Esse movimento de cobiça pela habilidade da escrita, ainda impraticável a princípio, atravessa seus poemas. Nesse ínterim, alguns deles ilustram uma fase intermediária entre o ler e o escrever. Trata-se aqui do status de “humilhado leitor”, aquele que tenta, que força a mão e se coloca em transe literário a fim de imitar o escritor, mas que ao final da tarefa se frustra. No poema “Primeiro jornal”, o menino observa e nutre “invejoso respeito” pelo trabalho de Amarílio, que redige e ilustra um jornal manuscrito:

PRIMEIRO JORNAL

Amarílio redige e ilustra com capricho
o jornal manuscrito: é conto, é poema, é cor,
que ele tira de onde? Incessante criador,
de si mesmo é que extrai esse mundo de coisas.
Nutro por Amarílio invejoso respeito.
Por mais que me coloque em transe literário
e force a mão e atice a chama de meu peito,
não consigo imitá-lo. Em lugar de escritor,
na confusão da idéia e do vocabulário,
sou apenas constante e humilhado leitor.
(ANDRADE, 2006, p.245)

Na confusão da ideia e do vocabulário, ele ainda se perde nos caminhos da escrita, frustrando-se por não conseguir imitar Amarílio.

Essa atmosfera de angústia que assola aqueles que desejam escrever o que sentem é temática recorrente em Boitempo. Nesse outro poema a seguir, o sentimento de inveja está direcionado ao poeta Astolfo Franklin, que tem sua própria tipografia para imprimir seus poemas.

PRIMEIRO POETA

O poeta Astolfo Franklin, como o invejo:
 Tem tipografia em que ele mesmo
 imprime seus poemas simbolistas
 em tinta verde e violeta: Maio...
 é seu jornal, e a letra rara orna seu nome
 que tilinta na bruma, enquanto o resto
 some.

(ANDRADE, 2006, p.77)

A partir dessa fase, já não é mais possível situar onde é poeta aprendiz, onde é menino leitor. Com base nos estudos de Stuart Hall (2011) sobre identidade, pode-se dizer que essas duas identidades (leitor e escritor), fragmentadas, se fundem na construção do sujeito plural Drummond, resultando no início do que seria uma brilhante carreira. Na crônica “O mistério das palavras”, já mencionada no capítulo III, o poeta também relembra como começou a escrever:

(...) Minhas professoras costumavam passar exercícios de redação. Cada um de nós tinha de escrever uma carta, narrar um passeio, coisas assim. Criei gosto por esse dever, que me permitia aplicar para determinado fim o conhecimento que ia adquirindo do poder de expressão contido nos sinais reunidos em palavras. Daí por diante as experiências foram se acumulando, sem que eu percebesse que estava descobrindo a leitura. Alguns elogios da professora me animavam a continuar. Ninguém falava em conto ou poesia, mas a semente dessas coisas estavam germinando. Meu irmão, estudante na capital, mandava-me revistas e livros, e me habituei a viver entre eles. (ANDRADE, 2009, p.15)

Nota-se perfeitamente como o exercício da escrita estava associado ao da leitura por Drummond, “sem que eu percebesse que

estava descobrindo a leitura.” Essa noção de escrita e leitura como processos indissociáveis vai ao encontro do que se tratou no capítulo anterior, quando, à luz do conceito de Jauss e dos outros autores que tratam sobre o tema, ficou claro que a leitura significativa pode gerar uma mudança no comportamento, sendo uma dessas possíveis mudanças a produção escrita. Assim, os questionamentos do menino e sua postura crítica diante daquilo que lia, aliado ao bom desempenho na área de Letras, foram abrindo pequenos espaços para que pudesse mostrar ao público seu dom. Se bem que, apesar das boas intenções de autoria, não foi exatamente o que aconteceu em sua “Estréia Literária”:

ESTRÉIA LITERÁRIA

Desde antes de Homero
a aurora de dedos róseos
poupava todas as manhãs
por obrigação.

Não assim tão róseos.

Nossa aurora particular baixa num vapor
de frio do alto da serra, e mal nos vemos,
errantes, no recreio, em meio a rolos
de névoa.

Outra aurora eu namoro: a Colegial
Quatro páginas. Quinzenal. 300 réis.

“periódico da Divisão dos Maiores”.
Quero escrever, quero emitir clarões
de astro-rei literário em sua edições.
Dão-me, que esplendor, primeira página,
primeira, soberbíssima coluna.
É a glória, entre muros, mas a glória.
Contemplo, extasiado,
o meu próprio talento em letras públicas.
Ler? Não leio não.
Quero é sentir meu nome, com a notinha:
“Aluno do segundo ginásial”.

Já são quatro da tarde.
Até agora ninguém
veio gabar-me a nobre criação.
Ninguém gastou 300 réis para me ler?

Será que meu escrito
não é lá uma peça tão sublime?

Decido-me a encará-lo mais a fundo.
 Vou me ler a mim mesmo. Decepção.
 O padre-redator introduziu
 certas mimosas flores estilísticas
 no meu jardim de verbos e adjetivos.
 Aquilo não é meu. Antes assim,
 ninguém me admirar.
 (ANDRADE, 2006, p. 166. [grifo meu])

O poema que versa sobre sua “estrela” no jornal da escola traz a conhecida veia cômica do poeta. Esperou pelo momento de glória, quando seu texto seria lido pelos corredores. Depois, quando pronto, negou-se a lê-lo, a princípio, pois importante mesmo era sentir a glória de seu nome com a nota dizendo que era do segundo ginásio, já que o periódico era espaço de escrita destinado aos “grandes”. Por fim, após longa espera e silêncio dos colegas, decide ler a si mesmo e descobre a intervenção do padre-redator com suas “flores estilísticas” em seu jardim de palavras. A decepção o faz refletir: “Aquilo não é meu. Antes assim, ninguém me admirar.” Foi assim que sua primeira tentativa de autoria fracassou, o que não representou motivo de desistência. O menino continuava a escrever para a revista *Colegial*. Ao que parece, pelos registros que podem ser acompanhados em *Boitempo*, essa foi sua primeira experiência de autoria.

Em outro poema, chamado “A decadência do ocidente”, os veteranos do jornal se clamam da qualidade das produções e usam para isso referências de autores renomados, para dizer que já não se fazem mais poetas e estudantes como antigamente. Ironicamente, não sabiam que entre eles estava o pequeno escritor que seria, mais tarde, elencado, por muitos, como poeta do século no Brasil:

A DECADÊNCIA DO OCIDENTE

No ano de 18,
 plangem veteranos;
 “Nosso jornalzinho
 não é mais aquele.
 Foi-se a Academia
 de jovens talentos.
 Os restantes árcades
 Jogam futebol.
 Agora, estilistas,
 só na arte do pé.
 Somem os poetas,

vão-se os prosadores.
 Não há mais cultura
 e se depender
 dessa geração
 de racha-piões,
 que irá restar
 de nosso idioma
 e nossa tradição?
 Ah, nos velhos tempos
 isso aqui andava
 cheio de Camões,
 dos Ruis, dos Bilacs,
 e dos Castros Lopes...
 (ANDRADE, 2006, p.165)

O passo a mais dado por Drummond em sua trajetória de escrita desponta como uma resposta às suas leituras entre as mangueiras e tantas outras. Como dizia Jouve na epígrafe do nosso capítulo III, esse menino, ainda projeto de escritor, começa a conquistar os livros que um dia o conquistaram.

Em Bakhtin (2002), essa metamorfose de leitor-escritor fica mais clara quando pensamos no seu conceito sobre a dialética da linguagem. Em *Filosofia da linguagem*, Bakhtin defende que o enunciado é um todo de sentido, cuja natureza é dialógica. Ou seja, o enunciado é passível de réplica, de resposta, isto é, de diálogo. Segundo ele (apud FIORIN, 2009, p. 43):

A compreensão é a fase inicial e preparatória para uma resposta. O enunciadador espera uma compreensão responsiva ativa e não somente uma compreensão passiva, que apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro; o que ele aguarda é uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, etc.

Nesse contexto, o sentido, para ele, se dá por meio da significação e esta, por sua vez, abarca relações não só internas, mas também externas. Sendo assim, o enunciado tem sentido, porém, sem o leitor não possui significação em seu processo completo. Essa significação, quando dada a partir do enunciado, permite uma relação dialógica, que tem como ponto de partida o texto (enunciado), passa pela significação e termina na possível resposta/reação do leitor. Desse modo, assim como numa reação em cadeia, o autor cria o enunciado

repleto de sentido, mas o leitor é quem promove uma significação e, ainda, dialoga, responde ao enunciado primário, a fim de travar uma relação dialógica entre: enunciado, sentido, significação, autor, leitor. Criei uma imagem a fim de deixar mais clara a discussão sobre o texto de Bakhtin:

Figura 5: O dialogismo de Bakhtin na literatura.



Fonte: imagem criada pela pesquisadora.

Trata-se, afinal, de uma ciranda em que o leitor, em sua aptidão crítica e autônoma, tem capacidade de réplica, tornando-se, por sua vez, autor de um novo enunciado. Nessa direção, seria como dizer que o poema “Infância” representa uma réplica para o enunciado de Defoe. O menino leu a história de Robinson Crusoe, concretizou o processo de significação e proferiu uma réplica, já se apropriando das aventuras na ilha de acordo com sua própria realidade e proferindo um novo enunciado em forma de poema.

Lajolo complementa e elucida a questão do diálogo presente não somente entre leitor e autor, mas também com interferência do meio social e histórico:

Cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando. Cada leitor tem a história de suas leituras, cada texto, a história das suas. Leitor maduro é aquele que, em contato com o texto novo, faz convergir para o significado deste o significado de todos os textos que leu. E, conhecedor das interpretações que um texto já recebeu, é livre para aceitá-las ou recusá-las, e capaz de sobrepor a elas a interpretação que nasce de seu diálogo com o texto. Em resumo, o significado de um novo texto afasta, afeta e redimensiona o significado de todos os outros. (LAJOLO, 1994, p. 106)

Diante dessa discussão sobre o dialogismo na literatura, com apoio de Bakhtin e Lajolo, pode-se dizer que Drummond participa dessa ciranda e redimensiona o significado de suas leituras, de modo a usá-las como substância elementar, muitas vezes, para seus próprios textos. Pensando nesse movimento dialético é que se compreende o processo pelo qual o menino leitor passou ao ponto de se tornar o menino ambicioso por soltar, finalmente, “a coisa oculta no seu peito”.

Em concordância com esse dialogismo, faz-se essencial destacar, ainda, outros fatores externos (extra-textos) que possivelmente participaram desse processo responsivo do menino leitor em relação aos textos lidos. Estes fatores, na vida de Drummond, podem ser percebidos na figura de leitores e colegas escritores que interferiram diretamente nessa experiência, contribuindo para as leituras tanto do menino, em Itabira, quanto do jovem, em Belo Horizonte. É sobre isso que a próxima e última seção tratará.

4.2 DRUMMOND E OS LEITORES OUTROS.

Por mais que concordemos que a experiência de leitura possa representar uma viagem a uma ilha solitária, não podemos negar as vantagens que se tem em momentos cujas leituras podem ser compartilhadas com o outro. Drummond também soube perceber essas vantagens e, numa segunda fase, como apontam Sant’anna (1997) e Martins (2006), o poeta deixa sua ilha solitária e passa a recusar o isolamento total, até então elogiado:

A temática da ilha sofre algumas alterações no transcrever da trajetória do *gauche*, pois num segundo lance, o que vai procurar é a integração com seus semelhantes a partir de sua própria realidade. (...) Depois de ter oscilado entre esses extremos, mais tarde o *gauche* vai realizar a integração da ilha e do continente na medida em que o Eu se conjuga com o Mundo. (SANT'ANNA, 1977, p.43)

Sant'anna, em sua pesquisa, refere-se a uma transformação que diz respeito às diferentes fases de Drummond adulto e escritor, posto que dá exemplos de obras publicadas no decorrer de sua carreira para ilustrar essa transformação no perfil do poeta. Aproprio-me aqui dessa análise para pensar esse movimento dentro da própria obra *Boitempo*. Se, na parte do “menino antigo”, o prazer da leitura se dava na solidão das ilhas, no volume “esquecer para lembrar” esse mesmo leitor, já moço, saiu de sua ilha e foi sentar-se à mesa dos bares e cafés da capital, conversando sobre suas leituras com seus pares, amigos também leitores que encontra em Belo Horizonte.

Nesse contexto, seu primeiro encontro no que diz respeito à experiência de leitura, fora da ilha, seria com Alfredo Duval, o velho santeiro de Itabira a quem Drummond dedicou um de seus poemas:

A ALFREDO DUVAL

Meu santeiro anarquista na varanda
da casinha do Bongue, maquinando
revoluções ao tempo em que modelas
o Menino Jesus, a Santa Virgem
e burrinhos de todas as lapinhas;
aventureiro em roupa de operário
que me levas à Ponte dos Suspiros
e ao Pátio dos Milagres, no farrancho
de Michel Zevaco, dos Pardaillan,
Buridan, Triboulet (e de Nick Carter),
ouço-te a rouca voz chamar Eurico
de nazarena barba caprichada
e retê-lo a posar horas e horas
para a imagem de Cristo em que se afirme
tua ânsia artesanal de perdurar.
Perdura, no frontispício do Teatro,
a águia que lá fixaste sobre o globo

azul da fama, no total desmaio
do teu, do nosso tempo itabirano?
Quem sabe de teus santos e teus bichos,
de tua capa-e-espada imaginária,
quando vagões e caminhões desterram
mais que nosso minério, nossa alma?
Eu menino, tu homem: uma aliança
faz-se, no tempo, à custa de gravuras
de semanais fascículos românticos...
(ANDRADE, 2006, p.)

Este foi, provavelmente, um dos primeiros leitores com quem Drummond compartilhou aquilo que lia. O mulato Alfredo Duval também é citado no poema anteriormente visto, “Confidências do itabirano”, quando o poeta descreve aquilo que trouxe de Itabira quando de lá saiu. Na biografia de Cançado, ficam mais claras essas relações de classe e de que forma estavam presentes na vida do menino:

Na figura de Alfredo Duval, na sua ‘fidelidade aos da sua classe e na sua recusa em abaixar a cabeça’ (...) Carlito sentia a possibilidade de um outro mundo. Uma ruptura talvez com o mundo de onde ele vinha, uma mudança, uma outra arrumação na sua vida. Julieta Augusta [mãe de Drummond] percebeu logo isso: as idas diárias do filho à casa de Alfredo Duval não deixaram de inquietá-la. Ela sentia de alguma maneira que ele encontrara no santeiro um pai cultural mulato, quem sabe mais livre, para a travessia difícil da infância para a adolescência. Admitir que isso podia ser verdade era duro para Julieta Augusta, que tinha um outro cacoete verbal e de classe – referir-se à sua família como a ‘nata de Itabira’, o que é evidentemente uma autocongratulação daquela gente branca como o leite. (CANÇADO, 2006, p.45)

O conflito entre classes, evidentemente, atravessa os poemas em análise. Essa tônica presente no trabalho do poeta ilustra a ideia de seu “não-lugar” naquela sociedade e a forma como ele percebe os nós conflituosos que estão implícitos nessas lembranças. Alfredo Duval era uma personalidade polêmica em Itabira, possuía um acervo de livros particular em sua casa com obras clássicas que começavam a circular entre Brasil e Europa naquele início de século. Pedreiro e construtor, era

ligado à arte, fazia esculturas de santos para as igrejas e “engenhocas” que guardava em sua casa que, por sinal, sempre atraiu muito o menino Carlito. Entre as casas de Itabira pelas quais passei, esta foi uma das que mais me chamou atenção e emocionou. Na fachada da casa, velha e mal conservada, com sua estrutura já comprometida, logo acima da porta da frente, vê-se um santo esculpido em madeira por Alfredo Duval. Abaixo, duas portas, que davam para sua oficina de trabalho. Foi um dos poucos momentos em que consegui imaginar o menino circundando o mulato enquanto este trabalhava, conversando, possivelmente, sobre os livros que leram.

Alfredo Duval era em Itabira na primeira década do século XX, quase um intelectual orgânico dos trabalhadores manuais, de escravos libertos. (...) podia ser visto no final de tarde na varanda da sua casinha do Bongue (a rua onde moravam os negros e os mulatos), agitando e contemplando com seus discursos visões da mais larga utopia política e social. (CANÇADO, 2006, p.42, [grifo do autor])

Assim, pode-se pensar neste sujeito como influência relevante na formação intelectual de Drummond. O menino, por mais que estivesse envolto por uma realidade totalmente burguesa, não deixava de dar atenção a essa luta em defesa da minoria, olhando com admiração para todo o movimento provocativo e intelectual que Duval promovia na cidade.

Passada essa fase inicial em Itabira, o autor relembra seu período de mocidade em Belo Horizonte:

Depois, já rapaz, tive sorte de conhecer outros rapazes que também gostavam de ler e escrever. Então começou uma fase muito boa de troca de experiências e impressões. Na mesa do café-sentado (pois tomava-se café sentado nos bares, e podia-se conversar horas e horas sem incomodar nem ser incomodado) eu tirava do bolso o que escrevera durante o dia, e meus colegas criticavam. Eles também sacavam seus escritos, e eu tomava parte nos comentários. Tudo com naturalidade e franqueza. Aprendi muito com os amigos, e tenho pena dos jovens de hoje que não

desfrutam desse tipo de amizade crítica.
(ANDRADE, 2009, p.15)

A relevância desse encontro é notória para o leitor de Boitempo, pois o poeta cita, recorrentemente, o nome de amigos como Pedro Nava, Milton Campos, João Guimarães, todos envolvidos com os jornais da cidade de Belo Horizonte, na década de 1920. A partir desse encontro com seus pares, o tom dos poemas ganha maior criticidade sobre política, literatura e arte. Uma carreira intelectual está se iniciando. Na etapa do livro Boitempo: esquecer para lembrar intitulada “Mocidade solta” é que o cotidiano dos jornais mineiros se torna pano de fundo para os versos drummondianos. Em um poema, ele narra um jantar com outros escritores:

AS LETRAS EM JANTAR

Meu primeiro banquete literário.
O espelho art-nouveau do Hotel Avenida
reflete doze ilustres escritores.
Convidado! sento à mesa dos ilustres,
ilustre me tornando em potencial,
representante da escola, por nascer,
dos bárbaros futuristas do Cural.
Oswaldo de Araújo, Aldo Delfino,
Mário Mendes Campos, cristais, flores,
Abílio Barreto, Silva Guimaraens,
Rangel Coelho, quem mais? Não os distingo,
pois nem distingo a mim, de tão repleta
esta hora (o vinho, a carne) de horizontes.
Qual a razão do bródio? Precisa haver razão
para bródios? As letras mandam
comer, sorver a glória deste instante,
Agripa de Vasconcelos, o poeta,
recém-eleito acadêmico mineiro,
oferece-nos o prândio. Na verdade
nós é que devíamos prestar-lhe
este preito ritual.
Mas ele paga. E recita
à sobremesa, com voz clara:
' O meu destino ...onde me levará?'
A pergunta ressoa (garfos, copos)
e ninguém na mesa em festa ousa fazer
de si para si mesmo
a grave indagação.

Quedamos importantes, paralisados,
na foto do magnésio.
(ANDRADE, 2006, p)

Interessante notar que mesmo já ocupando um meio privilegiado entre escritores, jantando em uma mesa junto a essas “letras-vivas”, sente-se acuado para o banquete literário, como se ainda fosse estrangeiro desse grupo. Por mais que o gauche se encontre com seus semelhantes, permanece seu perfil introspectivo, de certa timidez. Essa mesma timidez aparece no poema “Jornal falado”, em que arranja uma desculpa qualquer para não precisar ler sua crônica no programa de rádio dos colegas. Em outro poema, “O príncipe dos poetas”, o mesmo grupo de colegas organiza a eleição do príncipe dos poetas para agitar a cidade e discutem entre si como seria a logística mais justa para essa seleção. Enfim, diversos poemas que constataam um fato: o menino, que na roça não encontrou sua vocação junto aos fazendeiros, está de frente para uma situação inusitada: um grupo social de pessoas que apreciam os mesmos gostos que Carlos, em sua mocidade. Certamente, esse convívio com tantos outros, em boa medida, gauches como ele, colaborou para a construção da identidade do poeta Drummond, que passaria a ter sua obra legitimada alguns anos depois.

Para encerrar este capítulo e partir para a (in)definitiva conclusão do trabalho, trago um trecho, que podemos considerar um tanto autobiográfico, depois de estudar toda essa trajetória. Trata-se de um conto chamado “Um escritor nasce e morre”, publicado em Contos de aprendiz. Nele, Drummond narra, como num jogo de espelhos envolvendo ficção e realidade, sobre como começou a escrever: suas primeiras emoções; as publicações nos jornais de escola; seus primeiros livros; e sobre como escrevia, escrevia e escrevia. A cidade fictícia, Turmalinas, mais se parece com Itabira, visto que na mesma rua da casa em que o Drummond morava, havia o chamado “triângulo do poder” – a casa do coronel, a igreja e a câmara dos vereadores que funcionava como prisão, além da escola, logo ao lado: universo do menino. É dessa forma que encerro o ciclo que comecei há algumas páginas (dias-meses-anos) atrás, com as palavras do próprio escritor que ajudam a concluir, também, a ideia de trajeto. Do leitor ao escritor, da criança ao velho, chegamos ao ponto final, ponto em comum, ponto único, volta de 360°, que sempre liga o início e o fim para provar que leitor e escritor, menino e senhor, estiveram sempre juntos:

Nasci numa tarde de julho, na pequena cidade onde havia uma cadeia, uma igreja e uma escola bem próximas umas das outras, e que se chamava Turmalinas. A aula era de geografia, e a professora traçava no quadro-negro nomes de países distantes. As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes, e Paris era uma torre ao lado de uma ponte e de um rio, a Inglaterra não se enxergava bem no nevoeiro, um esquimó, um condor surgiam misteriosamente, trazendo países inteiros. Então, nasci. De repente nasci, isto é, senti necessidade de escrever. Nunca pensara no que podia sair do papel e do lápis, a não ser bonecos sem pescoço, com cinco riscos representando as mãos. Nesse momento, porém, minha mão avançou para a carteira à procura de um objeto, achou-o, apertou-o irresistivelmente, escreveu alguma coisa parecida com a narração de uma viagem de Turmalinas ao Pólo Norte. (ANDRADE, 2012, 118)

CONCLUSÕES: UM CAMINHO SEM FIM.

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

(“Memória”,
Carlos Drummond de Andrade)

Acompanhar o trajeto e as memórias de um escritor como Carlos Drummond de Andrade representa, entre tantas coisas, uma escolha pessoal por trilhar uma trajetória desafiadora de pesquisa. Se, no início deste trabalho, o medo maior era trilhar um caminho já trilhado em outros estudos, ao fim, fica a certeza de que, quanto maior é o poeta, mais vasto o mundo que abarca as possibilidades de interpretação da sua obra. Assim, senti-me confiante, então, não sem o apoio de meu orientador, em registrar a minha leitura dos versos drummondianos.

Escolhi, para isso, um ponto de partida que se tornasse o fio condutor de toda a procura científica: memórias de leitura. E, por tratar da memória – campo tão escorregadio em termo de definições –, precisei repensar, primeiro, a perspectiva de quem decide registrar o tempo pretérito pelo prisma de uma experiência pessoal. Foi com o objetivo de entender o olhar do menino antigo, que adentrei em discussões sobre uma perspectiva histórica benjaminiana e, também, sobre o esquecimento como instrumento para seleção daquilo que se rememora. Por falar em rememoração, ficou claro durante esta etapa o quanto Drummond está alinhado com essa ideia de aliar memória e ação em sua obra. Isso se mostra já nos primeiros poemas da trilogia e, até mesmo, em poemas externos ao corpus. São momentos em que o poeta deixa claro seu interesse pelo passado, sem deixar de lado a reflexão pelo tempo presente. O próprio “menino antigo” trata-se, pelo que vimos, de uma junção dos tempos, quando o senhor e a criança se encontram para narrar um pretérito mineiro que colabora, num olhar mais amplo, também, para se pensar numa história brasileira.

Com essa perspectiva definida, foi mais fácil partir para o recorte principal, núcleo do estudo: as trajeto-memórias de um menino leitor. Foi em Itabira que, em seu caminho de leitura, Drummond deu os primeiros passos em direção ao universo das letras. Em princípio, seu convívio com as palavras ainda se dava de modo distante, quando o menino, que ainda não sabia ler, circundava curioso os livros e as letras ao seu redor. Depois, já alfabetizado, pôde viajar, como ele mesmo

gostava da mencionar a analogia (viagem-leitura), pelos livros que lia. Eram livros emprestados, enviados pelo irmão, que estudava na cidade, por correio, ou a revista Tico-Tico. Todo esse material ajudou a construir a identidade do menino leitor em seus primeiros anos de leitura, pasto de descoberta para o menino. Dentre essas leituras, uma se mostrou mais significativa: a de Defoe, Aventuras de Robinson Crusóé, citada em mais de um poema. Pelo que pudemos notar, as menções que o autor faz sobre a ilha representam um tipo de resposta do leitor ao livro que leu, visto que houve um processo de leitura significativo para a vida do menino. Além disso, acompanhar o percurso de Carlito como assinante da revista Tico-Tico nos proporcionou uma ampla visão do que esta representou para a história da Literatura infantil brasileira. Pelos caminhos de leitura do menino elencados aqui, talvez seja possível pensar, também, numa história de leitura no país.

Depois de entender como se deu o início desse caminho, o da leitura, já estávamos preparados para observar um outro caminho paralelo, o da escrita, que, em certo momento, se cruza com o primeiro. Após dominar as leituras que um dia o dominaram, Drummond começa a sentir a necessidade da escrita, como bálsamo para sua alma de gauche. O primeiro sintoma dessa demanda se deu pelo aparecimento do sentimento de inveja nutrido pelo poeta que escreve. Se antes, o menino cavalgava e tropeçava pelas leituras da “Biblioteca Verde”, agora ele cavalga e tropeça nas poesias e contos que quer escrever. Os primeiros fracassos, no entanto, não representam empecilho para sua jornada. Mesmo assim, foi na mocidade, quando encontrou com seus amigos (também aspirantes a escritor), em Belo Horizonte, que o menino-moço se sentiu mais confiante para assumir sua verdadeira vocação: profissional da palavra. Desse relacionamento, no âmbito social de quem trabalhava nos jornais da cidade, a identidade de escritor, até então tímida, foi se formando até alcançar a consolidada carreira como poeta, reconhecido no Brasil e, mais tarde, no mundo.

Em 1987, o caminho desse leitor se encerra com sua morte, aos 84 anos. Foi quase um século completo de uma história de leitura e escrita. Embora seu trajeto de leitura tenha terminado aí, seu caminho como escritor, mesmo depois de sua morte, permanece sólido e reacende, mais vivo, a cada pesquisa, matéria, livro ou artigo que se escreva sobre ele. Por isso, fico feliz em ter contribuído, mesmo que minimamente, para esse movimento de rememoração pela via acadêmica, que considero o primeiro jeito possível de se lembrar um autor. No entanto, existe outro jeito, que para mim é o mais interessante: aquele em que um leitor abre, sem compromisso, pela primeira vez (ou

enésima, como se fosse a primeira), um livro de Drummond para ler, seja entre mangueiras, ou no banco do ônibus, em bibliotecas, salas de aula, parques, recitais, em cartas de amor, ou de despedidas. Nesse momento, a palavra mágica, claro enigma drummondiano, surge, de alguma forma, acredito, como território aberto e convidativo para esses leitores. Assim, enquanto houver leitores prontos a receberem essas leituras, podemos dizer, com toda certeza, como ele mesmo disse no poema dessa epígrafe acima: “as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão”.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005. p. 129-149.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo: Esquecer para lembrar*. 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- _____. Sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. V.1 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. “Como comecei a escrever” In: *O pequeno livro das grandes emoções*. – Brasília : UNESCO, 2009.
- _____. *Boitempo: Menino Antigo*. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- _____. *Contos de Aprendiz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- _____. *Sentimento de mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. Uma década sem o poeta maior. In: *Estado de Minas*. Itabira: 1997.
- _____. “Passeios na ilha: divagações sobre as ilhas”. In: _____. *Prosa Seleta*. Rio de Janeiro, 2003.
- ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Moderna,
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. 196 p.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas cidades, 2002.

- CANÇADO, José Maria. *Os sapatos de Orfeu*. São Paulo: Globo, 2006.
- CASTELLI, Chantal. *Lembranças em conflito: poesia, história e memória em Boitempo*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada. FFLCH - USP 2002
- DEFOE, Daniel. *As aventuras de Robinson Crusoe*. Porto alegre. 1 e p, 2010.
- FIORIN, José Luiz. Leitura e Dialogismo. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania M. K. (orgs.). *Escola e Leitura: velhas crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. p. 41-60.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10.ed. Rio de Janeiro: D&P, 2011.
- imaginárias. São Paulo: EDUSP, 1997.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad.
- JOBIM & SOUZA, S. *Infância e linguagem*. Campinas: Papirus, 1994.
- JOUBE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- LAJOLO, Marisa. “Carlos Drummond de Andrade: uma história exemplar de leitura”. In:
- SOUZA, Renata Junqueira. (org) *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1994. 112 p.
- LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARTINS, Maria Lúcia Milléo. *Duas artes: Carlos Drummond de Andrade e Elizabeth Bishop*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MATE, Reyes. *Meia-noite na história*. São Leopoldo: Unisinos, 2011.
MIRANDA, Wander Melo. *Corpos Escritos*. São Paulo: Editora UNESP; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

MORAES, Emanuel. *Drummond rima Itabira mundo*. Rio de Janeiro, 1970.

MORAIS, Christianni Cardoso; VILLALTA, Luiz Carlos. Posse de livros e bibliotecas privadas em Minas Gerais (1714-1874). In: ABREU, Márcia; BRAGANCA, Aníbal. (orgs.) *Impressos no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p.401-418.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Carlos Drummond de Andrade: análise da obra*. rio de janeiro, editora documentário, 1977.

SANTIAGO, Silviano. *Discurso memorialista de Drummond*. Folha de São Paulo, São Paulo, 07 abr. 1990. s/p.

SARLO, Beatriz. *Os militares e a história; contra os cães do esquecimento*. In: Paisagens
Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. (Série Temas, v.36)

VIEIRA, Regina Souza. *Boitempo: autobiografia e memória em Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro, 1992.

ZIBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

APÊNCIDE A– Hotel Itabira, antigo sobrado do Barão de Alfíe.



APÊNDICE B– Obras da empresa Vale, vistas ao longo da viagem pelo trem de passageiros.



APÊNDICE C -Obras da empresa Vale, vistas ao longo da viagem pelo trem de passageiros.



APÊNDICE D - Vista da janela da casa onde o poeta viveu os primeiros anos da infância, em Itabira.



APÊNDICE E - Reprodução da antiga casa da família, na fazenda do Pontal.



APÊNDICE F - Estátua do menino Carlito, na entrada da fazenda.



APÊNDICE G – Porta da casa do Santeiro Duval.

APÊNDICE H – Lista de poemas selecionados na trilogia *Boitempo* como objeto da pesquisa:

BOITEMPO – MENINO ANTIGO:
1. Doutor mágico
2. Casa
3. Escritório
4. Descoberta
5. Primeiro conto
6. Primeiro jornal
7. Iniciação literária
8. Fim
9. Assinantes
10. Repetição
11. Biblioteca verde
12. Aspiração
13. 1914

BOITEMPO – ESQUECER PARA LEMBRAR:
14. Império mineiro
15. Imprensa
16. Vida vidinha
17. Telegrama
18. Primeiro poeta
19. Cultura francesa
20. A Alfredo Duval
21. O doutor ausente
22. O bom marido
23. Aulas de francês
24. Aula de alemão
25. Figuras
26. A norma e o domingo
27. Livraria Alves
28. A decadência do ocidente
29. Estréia literária
30. O colegial e a cidade
31. Certificados escolares
32. Ninfas
33. Hino ao bonde
34. Vigília
35. Doidinhos
36. As letras em jantar
37. Jornal falado no salão vilacqua

38. A tentação de comprar
39. Oposição sistemática
40. Carnaval e moças
41. Dificuldades do namoro
42. Companheiro
43. Parabéns
44. A consciência suja
45. Redator de plantão
46. Verbo e verba
47. O príncipe dos poetas
48. A língua e o fato